



ANO 2 - NÚMERO 22 - AGOSTO 2016

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

HOMO-CERRATENSIS

A INCRÍVEL JORNADA HUMANA RUMO
AO PARAÍSO DO PLANALTO CENTRAL

SUSTENTABILIDADE

Desenvolvimento:
Pressupostos para a
sustentabilidade

p. 24

MEMÓRIA

A guerreira Maria Quitéria

p. 37

ECOTURISMO

Saúde e natureza no
Circuito das Águas

p. 48



PROTEGER

BRASILIA
TEM
ESSE
PODER



Preservação das áreas de proteção ambiental

A Terracap coloca esse patrimônio em suas mãos

Você já se deu conta de que o assoreamento dos córregos, a diminuição das matas ciliares e a destruição das nascentes são problemas decorrentes da ocupação irregular do solo? O trabalho da Terracap é promover o desenvolvimento planejado, preservando as áreas de proteção ambiental, garantindo a sustentabilidade e respeitando a vida. E, dessa maneira, colocar esse imenso patrimônio natural em nossas mãos.

www.terracap.df.gov.br



“ Em Xapuri cantou jaçanã, Iara viu voar pelo ar,
chama da liberdade, nunca vai se apagar ”

Sergio Souto

COLABORADORES/COLABORADORAS AGOSTO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; Antenor Pinheiro – Jornalista; Aturi Kayabi-Professor indígena; Eduardo Pereira – Produtor Cultural; Eduardo Henrique de Sá Júnior – Técnico em Agropecuária. Estudante de Agronomia. Fotógrafo da Natureza; Gustavo Gindre – Jornalista; Iêda Vilas-Bôas – Doutoranda em Literatura, Escritora; Jacy Afonso – Sindicalista; Jack Soifer – Escritor; Jaime Sautchuk – Jornalista, Escritor; Juliana Bernardes – Produtora Cultural; Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor; Leovigildo dos Santos – Engenheiro Florestal; Lúcia Resende – Professora; Renata Queiroz Dutra – Professora; Trajano Jardim – Jornalista, Professor; Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 8. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss | 9. Elson Martins |
| 3. Altair Sales Barbosa | 10. Neusimar Coelho |
| 4. Binho Marques | 11. Ronei Alves |
| 6. Graça Fleury | 13. Ieda Vilas-Bôas |
| 7. Jacy Afonso | 14. Trajano Jardim |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (061) 9974-3761. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786/0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Eduardo Pereira (61) 9829-1020. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9926-0445 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Capa: Foto Rogério Alves/TV Senado; Revisão de Textos: Lúcia Resende, Zezé Weiss e Thais Maria Pires – Jornalista. Revisão de design: Eduardo Pereira. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins. Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

A

gosto é o mês do cachorro louco, do diabo solto nas ruas e nas matas, do desgosto e muito mais. É o que nos prega a credence popular. De onde vem essa crença? Terá fundo de verdade?

Dizem que a má fama do fatídico mês vem da Roma Antiga. E desde então são produzidos os mais diversos tipos de pajelanças, que sirvam de proteção, mas ele segue agourento. Ao tratarmos desse tema, nos vêm à mente as datas nele lembradas, dentre elas o Dia do Cerrado, dia 8. E nos indagamos, então, se há o que celebrar quando nos deparamos com um bioma que se esfacela.

Todavia, ou até por isso mesmo, este é o tema de Capa desta Xapuri nº 22, com foco no elemento humano que habita esse ambiente há milhares de anos, batizado pelo historiador Paulo Bertran de Cerratense.

É deste ser, que retira do Cerrado sua sobrevivência desde a Pré-História, que devemos cobrar uma atitude no sentido de preservar o que dele resta. Por isso, resgatamos a trajetória dessa convivência.

Mas não é só isso.

Nas páginas que vocês começam a folhear, na telinha ou no papel, esta edição está repleta de outros assuntos que por certo lhes irão despertar o interesse.

As alterações na legislação trabalhista e o pleito dos bancos de quebra do monopólio da Caixa na gestão do FGTS, por exemplo. Ou o debate sobre um Planeta verdadeiramente sustentável e a experiência holandesa de cidade sem semáforos nem placas nas ruas.

As mensagens de alegria e incentivo de nossos leitores são, também, compartilhadas.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA
ANUAL
12 EDIÇÕES

R\$ **99**,⁰⁰

ASSINE JÁ!
WWW.XAPURLINFO/ASSINE

Xapuri 22

SOCIOAMBIENTAL

AGO 16

- 09** **COMPORTEAMENTO**
Quem muito agrada, desagrada
- 10** **CURIOSIDADES**
Mata Atlântica
Você sabia?
- 12** **CAPA**
HOMO-CERRATENSIS
A incrível jornada humana rumo ao paraíso do Planalto Central
- 20** **BIODIVERSIDADE**
Raposa (ou cachorro-do-mato)
- 30** **SUSTENTABILIDADE**
Desenvolvimento:
Pressupostos para a sustentabilidade
- 38** **URBANIDADE**
Drachten, a cidade sem sinais

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

- 16** **CADERNO PIRI**
O Theatro de Pirenópolis
- 18** **CIDADANIA**
Emprego e renda
Acesso à cidadania pelo trabalho
- 26** **MEMÓRIA**
A guerreira Maria Quitéria:
O soldado Medeiros
- 32** **PERFIL**
Paulo Souza Neto
O monge das boas causas
- 34** **EDUCAÇÃO**
- 36** **MITOS E LENDAS**
Agosto: diabo solto?
Mês do desgosto?
- 40** **ECOTURISMO**
Saúde e natureza
no Circuito das Águas
- 42** **GASTRONOMIA**
Poema culinário
- 46** **CAPA**
O grito êmico dos grupos
que formaram o *Homo-Cerratensis*
- 44** **CADERNO BRASÍLIA**
Os roxos Ipês de Brasília



Mensagens pra Xapuri

Queridos Zezé e Jaime: "Em Xapuri cantou jaçanã, Iara viu voar pelo ar, chama da liberdade, nunca vai se apagar"... Nos versos da música do poeta, compositor e cantor acreano Sergio Souto, radicado no Rio de Janeiro há anos, mas que faz anualmente show na sua terra natal, quero saudá-los pela beleza e leveza dos textos da edição número 21, julho 2016, da Revista Xapuri. Parabéns pelo maravilhoso instrumento de comunicação cidadão/ambiental que todos devem ter sempre nas suas leituras diárias. Muito obrigado pela leitura que encantou o meu ser. Forte abraço. **Robson Oliveira - Brasília - Distrito Federal.**



Xapuri, uma revista bem elaborada. Com conteúdo de qualidade. Parabéns, Maria Jose Weiss e equipe! **Tininha - Perfil On Line, Formosa, Goiás.**

Bom artigo, Jacy Afonso. É importante que o debate sobre Educação seja feito por todos e em todos os espaços. Seu artigo na Xapuri enfoca uma questão importante que é o papel do município na construção de uma Educação Pública de qualidade, libertadora e, portanto, promotora da cidadania plena. Abraço. **Roberto Leão - Presidente - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Educação - CNTE.**

Parabéns, equipe competente da Xapuri. Na minha casa somos mais do que leitores, somos admiradores do trabalho de vocês. Estivemos em férias no Paraná e, para a minha surpresa, localizei uma revista Xapuri na sala de espera de um consultório médico. Aliás, meu filho Ômar está enviando exemplares para parentes no Oriente Médio. Nossa revista Xapuri extrapolando fronteiras! **Amarildo Carvalho - Formosa - Goiás.**

contato@xapuri.info


QUEM MUITO AGRADA, DESAGRADA



"Nunca ouvi esse provérbio, acho que inventei agora mesmo. Mas você vai ver se esse provérbio, inventado ou não, não se aplica a pessoas que você conhece: Às que querem agradar a todo preço. Então tornam-se 'encantadoras'". Procuram adivinhar os mínimos detalhes dos outros. Procuram elogiar de qualquer modo. Começam também a mostrar que fazem sacrifícios a cada momento. Esse tipo encantador pesa na alma dos outros. Em uma palavra: desagrada. Se a pessoa consegue ser e ficar à vontade, ela deixa os outros serem e ficarem à vontade.

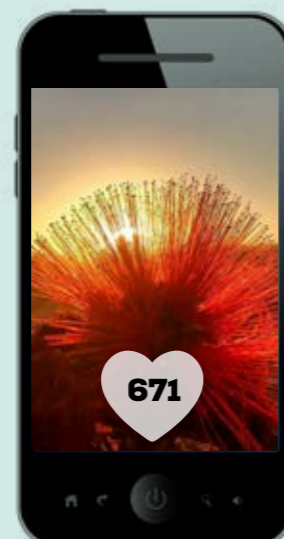
Fonte: Texto de Clarice Lispector no livro *Só para Mulheres: Conselhos, Receitas e Segredos*. Organização: Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco. 2008.

As imagens mais populares da @revistaXapuri

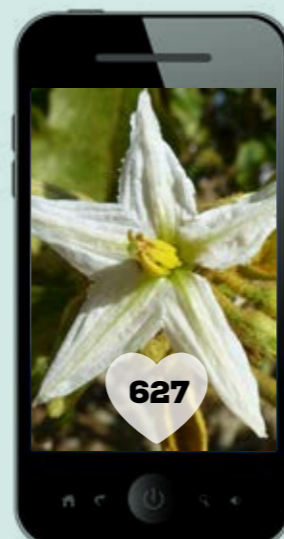
 @luislira



 @rotadasdachapada



 @romeu.vida



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



MATA ATLÂNTICA VOCÊ SABIA?

- A Mata Atlântica, bioma de floresta que abrange a costa leste, sudeste e sul do Brasil, já cobriu cerca de 12% do território nacional. Hoje, restam apenas 1.315.000 km², cerca de 7% da sua cobertura original.
- A maior diversidade de árvores do mundo, segundo estudo do Jardim Botânico de Nova Iorque, está na região da Reserva Biológica de Una, no sul da Bahia: Ali, em um só hectare de Mata Atlântica, foram encontradas 450 espécies de árvores nativas.
- O primeiro Parque Nacional brasileiro, o Parque Nacional de Itatiaia, localizado na Serra da Mantiqueira, entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, foi criado em uma área original de Mata Atlântica com 11.943 hectares, em 14 de junho de 1937. O Parque abriga 360 espécies de aves e 67 espécies de mamíferos.
- Parte da Mata Atlântica foi reconhecida pela Unesco como Reserva da Biosfera no começo da década de 1990. A Reserva estende-se por cerca de 5 mil quilômetros ao longo da costa brasileira, com área total de 290 mil quilômetros quadrados.



Chico Mendes 30 anos

Em 2018, a luta do CNS e dos povos da floresta completa 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem. Porém, o tiro certo que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e de liberdade. Chico Mendes continua vivo na luta e na esperança de cada qual de nós.

Essa luta tem permitido muitos avanços com relação à defesa da floresta, mas infelizmente a violência continua ceifando vidas e provocando imensas dores no coração da Amazônia, apontando o rumo dos embates.

O CNS começa agora, no segundo semestre de 2016, o projeto CHICO MENDES - 30 ANOS, rumo à construção de uma grande mobilização nacional para honrar a memória e fazer multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

Chico Mendes Vive!



HOMO-CERRATENSIS

A INCRÍVEL JORNADA HUMANA RUMO AO PARAÍSO DO PLANALTO CENTRAL

Altair Sales Barbosa

A expressão *Homo-cerratensis* foi criada pelo pesquisador Paulo Bertran, para batizar simbolicamente a descoberto esqueleto humano mais antigo das Américas, feita pelo professor e pesquisador Altair Sales Barbosa.

O esqueleto pertence a um indivíduo do sexo masculino e foi encontrado dentro do início das camadas Pleistocênicas, em escavação arqueológica realizada na região de Serranópolis-Goiás, com a idade de 13.000 anos antes do presente (A.P.), após recalibragem do Método Carbono 14.

Embora o esqueleto seja de um *Homo-sapiens-sapiens*, um dos ancestrais dos índios do Brasil, ele não se configura como o vestígio mais antigo da ocupação humana nas Américas. Há outros vestígios não esqueléticos que acusam a presença do homem no Continente Americano em épocas mais antigas.

Com o passar do tempo, a expressão *Homo-cerratensis* passou a designar também o habitante tradicional do Cerrado, fruto ou não de miscigenações e de troca de conhecimentos entre populações indígenas, portuguesas e africanas.

O BERÇO DE TODOS NÓS

O mais antigo ancestral humano, o que originou a humanidade moderna, viveu na África há mais de dois milhões de anos. Esse meu, seu, nosso ancestral

comum se chamava *Homo-habilis*. Não se sabe ainda se ele já dominava a habilidade de falar.

Retrocedendo muito mais no tempo, na casa dos três bilhões de anos, encontramos o ancestral comum de todos os seres vivos da Terra. A reconstituição dessa grande árvore genealógica se mostraria muito fragmentada, porque várias de suas bifurcações são desconhecidas e possivelmente jamais serão conhecidas.

O certo é que, quanto mais avançamos no tempo passado, mais buscamos o caminho da unidade, e quanto mais avançamos rumo aos tempos modernos, mais nos deparamos com a diversidade. À medida que retrocedemos ou avançamos no tempo, as inúmeras variáveis se tornam mais complexas.

Mas é possível afirmar que em algum lugar de um passado recente, provavelmente há 80 milhões de anos, época em que já existiam mamíferos na Terra, pelo menos um dos nossos ancestrais já vivia, ou nós não estaríamos hoje no Planeta.

AS PRIMEIRAS PEREGRINAÇÕES

Há pouco mais de 2 milhões de anos, nosso ancestral comum, o *Homo-habilis*, vivia na África, o continente kimberlito de nossas raízes genéticas.

Passados 300 a 400 mil anos,

o *Homo-habilis* transformou-se em uma espécie anatomicamente mais evoluída, o *Homo-erectus*. Seu mais antigo esqueleto foi descoberto perto do lago Turkana e data de 1,5 milhão de anos.

O *Homo-erectus* não ficou restrito à África. Podemos considerá-lo um ser cosmopolita, pois seus restos fossilizados indicam que viveu na Europa, na Ásia, na ilha de Java. Dependendo do local, é chamado de *Pithecanthropus-erectus*, *Sinanthropus pequinenses*, *Homem de Java*. Sua saída da África para outros continentes representa a primeira onda migratória de humanos e foi realizada em levadas intercaladas por intervalos de tempo relativamente longos.

Em diferentes locais da Europa e da Ásia, o *Homo-erectus* ostenta, de acordo com a região, pequenas diferenças anatômicas, como o *Homo-sapiens* de Heidelberg (Alemanha); *Homo-sapiens* da Rodésia (África); *Homo-sapiens* de Dali (China). Esse *Homo-erectus* viveu até cerca de 250 mil anos atrás e é o ancestral do *Homo-sapiens* arcaico, cujo fóssil mais antigo foi encontrado na depressão de Afar, na Etiópia, e data de 160 mil anos.

O *Homo-sapiens* arcaico deu origem ao homem moderno, o *Homo-sapiens-sapiens*, que não é seu único descendente. Outra espécie de humanos avançados, o *Homo-sapiens neanderthalen-*

sis, ou *Homem de Neanderthal*, emergiu há cerca de 150 mil anos na Europa e no Oriente Médio. Fósseis dessa região mostram uma transição gradual do Arcaico para o Neanderthal.

O *Homem de Neanderthal* foi contemporâneo dos europeus modernos e viveu até 23 mil anos atrás, quando entrou em competição e foi extinto por grupos de *Homo-sapiens-sapiens* oriundos da África, que representam uma segunda leva de migrantes daquela região para outras situações mais ao norte.

O DESTINO DA SEGUNDA PEREGRINAÇÃO

Durante o último estágio da glaciação Pleistocênica, denominada pela geologia americana de *Wisconsin*, houve grande rebaixamento do nível oceânico em todas as partes do Planeta, devido à quantidade de água retida no hemisfério norte, notadamente acima do Trópico de Câncer.

Esse abaixamento provocou mudanças significativas na direção das correntes marinhas, influenciou diretamente na circulação atmosférica e interferiu em mudanças ambientais no interior dos continentes que, por sua vez, afetaram a vegetação e a fauna, levando algumas espécies à extinção e outras à busca de rotas migratórias para sobreviver.

O rebaixamento dos oceanos também expôs pontes de ligação entre o sul da Ásia e a Austrália, a Ásia e diversas ilhas do Pacífico. Por meio delas, grupos de *Homo-sapiens-sapiens* iniciaram processos migratórios intensos, na busca da sobrevivência e de novos modelos de organização espacial.

Algumas levadas de populações do sul da Europa retornaram à África. Alguns grupos do nordeste da Ásia, aproveitando a ponte formada pelo Estreito de Bering entre a Sibéria e o Alasca, deram início ao povoamento do Continente Americano.



O POVOAMENTO AMERÍNDIO DO CERRADO

Atribui-se o termo Ameríndio a toda população humana nativa e seus descendentes, existentes no Continente Americano antes da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492. Colombo de forma equivocada denominou de “índios” pensando haver chegado às Índias.

Os primeiros seres humanos a povoar as Américas entraram no novo continente a pé, em pelo menos dois longos intervalos nos últimos 50.000 anos, subsistindo à base de plantas e animais selvagens, numa época que a água do mar, retida nos glaciares, deixava uma conexão terrestre entre a Sibéria e o Alasca.

A ponte terrestre mais antiga para as Américas existiu entre 50.000 e 40.000 anos atrás e foi usada por várias espécies de mamíferos do Velho Mundo, incluindo o caribu e o mamute peludo. Após um intervalo de submergência que durou uns 12.000 anos, a ponte reapareceu entre cerca de 28.000 a 10.000 anos atrás.

Durante parte desse tempo, um continuo lençol de gelo estendeu-se do Atlântico ao Pacífico, terminando a uma latitude ligeiramente ao sul dos limites políticos atuais entre o Canadá e os Estados Unidos. Com 1.200 metros de espessura, esse monstruoso glaciar impediu a passagem do homem ou de animais durante 10.000 anos.

No decorrer de alguns milênios, antes que os segmentos de Leste e Oeste se fundissem e um corredor se abrisse novamente, a ponte terrestre foi transitável. Aproximadamente há 10.000 anos, o nível do mar elevou-se e cobriu o Estreito de Bering. Desde então, o Novo Mundo tem sido alcançado somente por água.

Os primeiros povoadores de-

vem ter entrado na América pela ponte que reapareceu entre a Sibéria e o Alasca, entre 28.000 e 10.000 anos A.P. Como essa migração descontinua foi realizada através de levas com vários grupos pequenos, é provável que esses grupos pertencessem a correntes gênicas diferenciadas.

A distância cronológica entre um povoamento e outro e as novas paisagens ambientais foram aos poucos imprimindo modificações tecnológicas nos instrumentos de pedra lascada, sem, contudo, causar grandes modificações na organização social dos primeiros povos. Mas é bem possível que já devesse existir certa diversidade linguística entre essas levas de povoadores.

A colonização da América do Norte se deu de forma que alguma população logrou grande êxito, como a das grandes planícies, mas a de outras áreas nem tanto e, aos poucos, foi forçando uma migração lenta em direção à América do Sul, seguindo as rotas migratórias dos animais.

OS PRIMEIROS ANCESTRAIS DOS POVOS DO CERRADO

Os primeiros ancestrais das populações indígenas que hoje ainda habitam as áreas de Cerrado chegaram por volta de 13.000 anos A.P. Vieram em um processo de levas sucessivas, em épocas diferentes. Muitas tinham parentesco genético e cultural, outras nem tanto.



Mas existiam também muitas semelhanças, principalmente na obtenção de alimentos – todos tinham sua economia baseada na caça e na coleta e na busca de abrigos naturais para se protegerem das intempéries do tempo.

Por volta de 13.000 anos A.P., com o fim da glaciação de Wisconsin, o caminho pelo Estreito de Bering tornou-se inviável. Somente muito mais tarde outras levas humanas, oriundas da Polinésia, alcançaram a América pelo Pacífico, ou se deslocando pela neve através da Groenlândia. Os Inuites, ou Esquimós, já utilizavam essa rota em épocas anteriores.

OS PRIMEIROS POVOS ENCONTRADOS NO CERRADO

Organizados em pequenos grupos clânicos, os ameríndios do novo Continente ficaram geograficamente isolados por longo tempo, o que contribuiu para aumentar ou fazer surgir uma diferenciação linguística acentuada entre os grupos.

No Brasil Central, as diferenciações linguísticas, os sistemas de organização social e ideológico foram se sedimentando ao longo do tempo, aumentando a diferenciação entre os grupos ou povos.

A maior parte deles inventou ou incorporou novas tecnologias ao seu cotidiano, como a cerâmica, as ferramentas de pedra polida e a domesticação de espécies vegetais, desenvolvidas localmente ou aprendidas por intercâmbio, cujo impacto positivo se refletiu no crescente demográfico.

O que se constata, como regra geral, e que leva a concluir, com boas razões, é que os primeiros habitantes encontrados pelos brancos nos diversos locais do Cerrado foram os que se desenvolveram e se adaptaram nesse local por séculos. Até o contato direto, esses povos não foram afetados em sua estrutura demo-

gráfica e cultural.

O comportamento pacífico dos índios Goyá, um dos primeiros grupos atingidos pelas Bandeiras, que chegaram à região rapidamente em busca de mão de obra, ouro e pedras preciosas, indicam que não havia nem a instabilidade nem o conflito surgido depois da presença do branco.

O contato direto com os bandeirantes, que encontraram as populações plenamente instaladas, com suas aldeias, seus roçados, seus campos de caça e coleta, provocou não só uma desagregação social, mas também: a diminuição da população por escravização, guerras e doenças; a deterioração econômica pela ocupação de seus espaços vitais para os cultivos e pilhagem das roças; e a desorganização dos espaços de cada aldeia, levando os grupos à guerra, primeiro contra os arraiais brancos, mas depois também entre si.

A imagem que os viajantes e etnógrafos do século XIX oferecem das populações sobreviventes é falsa, porque o impacto violento da colonização – primeiro, desestruturando, depois, reestruturando a sociedade, a economia e talvez partes consideráveis da cultura – já havia sido absorvido.

Se isso parece verdadeiro para as populações ainda numerosas que assolaram desesperadas os arraiais brancos antes de serem “pacificadas”, é muito mais significativo para as populações já reduzidas, que foram aldeadas e completamente aculturadas sob o domínio do colonizador.

Seus descendentes, que hoje sobrevivem nas aldeias, devem ter reorganizado mais de uma vez sua sociedade e sua cultura com os restos que salvaram do impacto colonial, readaptando-as de acordo com as novas condições e necessidades.

Continua na página 43.



PONTO DE CULTURA COEPI CELEBRA 20º ANIVERSÁRIO COM ENCONTRO CULTURAL

Vinte anos de existência. Vinte anos de resistência artística e socioambiental. Para celebrar esse trabalho perseverante em Pirenópolis, o Ponto de Cultura COEPI promove uma série de eventos comemorativos no 2º semestre de 2016. O poeta cantador pernambucano Adiel Luna abriu a temporada, realizando oficina que integra artistas locais e show no Theatro Municipal, no lançamento do Projeto CUIA. O próximo evento é o Encontro Multicultural, no fim de agosto, reunindo músicos de diferentes origens e línguas num intenso intercâmbio musical. Confira nossa programação e participe!

DIA 27, SÁBADO:

20 horas, Theatro Municipal – Show com o grupo Camerata Caipira, que apresenta um leque de ritmos tradicionais de várias regiões do Brasil, com ênfase em instrumentos de cordas. O grupo realiza turnê pelo interior do país pelo projeto Circulação

Brasil Central, www.cameratacaipira.com. Apoio: Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC/DF). Entrada Franca.

DIA 28, DOMINGO:

20 horas, Theatro Municipal – Show com Trio Baru e Convidados. O grupo de música instrumental lança DVD comemorativo de 10 anos de trabalho, um tributo a grandes compositores brasileiros com leituras inovadoras de músicas consagradas. www.triobaru.com. Apoio: Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC/DF). Entrada Franca.

14 – 17 horas, Sede da COEPI (Alto do Carmo) – Workshops para músicos com o grupo SUTARI, um trio musical feminino vindo diretamente da Polônia (www.sutari.pl), e com o clarinetista Urbano Medeiros, de Minas Gerais, que vêm especialmente para participar do Encontro. Os músicos convidados farão também participações especiais nos shows.



O THEATRO DE PIRENÓPOLIS

Juliana Bernardes

O Theatro de Pirenópolis é um exemplo muito especial de um bem do Patrimônio construído por iniciativa de um cidadão do próprio povo: o lavrador Sebastião Pompeu de Pinna que, depois de 12 anos de esforços (1889-1901), inaugurou o Teatro em terreno doado por Sebastião José de Siqueira.

Diz a história que ele contou com a ajuda da comunidade, que doou alimentos, roupas e animais biscoitos para arrecadar recursos

e acelerar a construção do prédio de estilo luso-brasileiro, com paredes de adobe que, durante muitas décadas, foi conhecido como a “segunda casa” da comunidade de Pirenópolis.

Durante o século XX serviu como cinema, serraria, bar, garagem, armário, fábrica de móveis e casa comercial, até ser comprado e restaurado pela Fundação Cultural do Estado de Goiás em 1979. Foi tombado em 1988 e voltou a funcionar como teatro em 1990. Em 1997, foi interditado por perigo de desabamento,

e restaurado. Em 1999, foi reinaugurado com sua fachada original e estrutura preservada, porém com adaptações na parte interna.

Hoje, o Theatro possui 160 poltronas na plateia, mas pode acomodar até 230 pessoas, com o uso do mezanino. Tem um palco de 49 m² (7x7), um camarim subterrâneo, um Foyer. Em 2009, depois de alguns reparos ligando-o ao Cine Pireneus, em seu quintal foi criado o “Entroncamento Cultural”, com um pequeno palco ao ar livre.

CUIA - UM PROJETO DE FORMAÇÃO E INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE GOIÁS E PERNAMBUCO

O projeto CUIA foi lançado em 04 de agosto, no Theatro de Pirenópolis, com a participação de Adiel Luna (PE), Coco de Feira (GO), Isabella Rovo e Victor Batista (Camerata Caipira (GO), e abertura das batuqueiras do Maracatu de Akdorge, Carla Costa e Juliana Bernardes, idealizadoras e coordenadoras do projeto. Em 2010, elas trouxeram para Goiás o baque da Nação do Maracatu Porto Rico (Recife-PE), que é liderado pelo Mestre Shacon Viana. O Maracatu de Akdorge foi formado em 2012, em Formosa (GO), e talvez seja o primeiro do estado de Goiás a seguir os fundamentos de uma Nação. Os primeiros ensinamentos do baque da Nação foram repassados pelo contramestre Douglas Viana, com oficinas de fabricação das alfaias e de formação dos primeiros batuqueiros e multiplicadores culturais.

O PROJETO CUIA VAI:

- Formar novos batuqueiros para integrar o Maracatu de Akdorge e promover aprofundamento do baque com o Mestre Shacon Viana;

- Promover encontros e trocas de saberes entre Mestres e artistas de Goiás e Pernambuco, proporcionando a integração entre diversas linguagens artísticas (música, dança, artesanato, com foco na Cultura Popular);
- Organizar oficinas e vivências de ritmo (toque e dança) de maracatu, coco, catira;
- Realizar cortejos do Bloco CUIA (formado pelos batuqueiros e alunos do projeto) e um grande show com o grupo Coco Raízes de Arcoverde (PE);
- Oferecer cultura popular de maneira democrática para participação e apreciação.

REALIZAÇÃO: Akdorge Produções. PARCERIA: Comunidade Educacional de Pirenópolis (COEPI). Nação do Maracatu Porto Rico (PE). APOIO: Fundo de Arte e Cultura de Goiás. + INFO: [Facebook.com/Projeto.Cuia](https://www.facebook.com/Projeto.Cuia). (62) 99533-2382 (whatsapp) projeto-cuia@gmail.com. Nossa Nação: www.nacaoportorico.maracatu.org.br





EMPREGO E RENDA ACESSO À CIDADANIA PELO TRABALHO

Jacy Afonso

As políticas de trabalho, emprego e renda fazem parte do processo de desenvolvimento socialmente justo, economicamente viável e ambientalmente sustentável, que oportunize às pessoas e suas famílias vida digna pelo seu próprio trabalho.

As políticas neoliberais defendem a liberdade de mercado e a restrição da intervenção estatal na economia, desconstruindo políticas de emprego e renda. O Governo FHC, com a justificativa de gerar empregos, flexibilizou as leis trabalhistas. Como resultado, houve aumento do desemprego, precarização do trabalho, queda da renda, aumento da exclusão social e da desigualdade.

O quadro se altera entre 2003 e 2014, nos Governos Lula e Dilma quando, com as políticas adequadas e sem mexer nos direitos dos trabalhadores, foram gerados mais de 20 milhões de empregos. No segundo governo Dilma, as medidas econômicas adotadas trouxeram efeitos negativos para a economia. O movimento sindical também come-

teu erros, como o de participar da aprovação do Plano de Proteção ao Emprego cujos efeitos foram insignificantes.

Hoje empresários falam em aumento da jornada de trabalho para até 80 horas semanais. Dizem que o trabalhador pode almoçar enquanto trabalha. O governo golpista compactua com isso e assinala com a flexibilização e a precarização das relações de trabalho. Em contraposição, os trabalhadores indicam a redução da jornada sem redução salarial com um teto de 40 horas semanais e a ratificação da Convenção 158 da OIT, que proíbe a demissão imotivada.

Compete ao Estado, inclusive aos municípios, adotar estratégias para promover a geração de emprego, articulando um modelo de política pública que considere indicativos importantes, como o desenvolvimento regional, descentralizado do Sul e do Sudeste e o estímulo aos entes federados que possuem amplas áreas de conservação ambiental para preservá-las, recebendo estímulos financeiros para isso.

Os municípios precisam gerar seus próprios recursos econômicos e não apenas depender dos repasses constitucionais. Para tanto, a articulação de estratégias para a geração de receitas próprias é imprescindível. Algumas medidas podem ser tomadas pelas prefeituras, como a instituição de IPTU progressivo e a taxação do patrimônio (não dos salários).

Para a adoção dessas e de outras medidas é importante a construção de espaços participativos – consultas e audiências públicas, grupos de trabalho, fóruns intersecretarias, conselhos – que debatam políticas ativas de emprego, trabalho e renda enquanto um conjunto de programas, ações e medidas de natureza pública ou em parceria com o setor privado, organizan-

do ações que promovem o desenvolvimento sustentável com dignidade para todos.

As compras pelas prefeituras configuram importante aspecto de geração de emprego e renda. Desde 2009, o programa de alimentação escolar estipula que 30% do valor repassado devem ser investidos na compra direta de produtos da agricultura familiar. Esse valor pode ser ampliado como parte de um conjunto para estimular o desenvolvimento rural sustentável, gerando trabalho, promovendo a manutenção das pessoas no campo, garantindo alimentação saudável e trazendo crescimento ao município.

A economia solidária é parte fundamental das políticas ativas de emprego, trabalho e renda. Representa uma alternativa real ao modo tradicional de organização da produção e distribuição dos frutos do trabalho. Outros exemplos a serem considerados têm como parâmetro ações da prefeitura de São Paulo, coordenadas pelo secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo, Artur Henrique, ex-presidente da CUT.

1. Criar órgãos de apoio ao emprego e empreendedorismo para o atendimento e inserção dos cidadãos no mercado de trabalho. Esses espaços podem intermediar processos seletivos e captação de mão de obra, emitir Carteira de Trabalho, habilitar para o seguro-desemprego, promover cursos de capacitação profissional, formalizar microempresas.

2. Organizar cooperativas de diferentes categorias de trabalhadores, inclusive de autônomos, para facilitar o acesso ao crédito e a aplicação de projetos sustentáveis de trabalho e de desenvolvimento local e regional.

3. Promover o ingresso da pessoa jovem no mundo do tra-

balho por meio da qualificação profissional, do estímulo financeiro às empresas contratantes e do apoio à constituição de empreendimentos coletivos.

4. Construir com a comunidade municipal uma agenda de trabalho decente para superar desigualdades salariais, de gênero e de raça. Essa organização permite acompanhar a precarização do trabalho e o combate ao trabalho escravo, com especial atenção aos empregados domésticos e trabalhadores rurais.

Um aspecto fundamental é avaliar as desigualdades entre os municípios próximos apontando a possibilidade de instituir territórios da cidadania para aglutinar aqueles que possuem características semelhantes, possibilitando a organização de uma economia comum a partir de realidades próximas.

Um processo de desenvolvimento inclusivo permite a queda de desigualdades sociais, regionais, raciais, de gênero, e desfaz falácias como as de que é preciso crescer para depois distribuir, de que os ganhos do salário mínimo inviabilizariam as prefeituras e a Previdência e de que é necessário cortar direitos trabalhistas para reduzir o custo do trabalho e gerar mais empregos.

Pelo contrário, o crescimento econômico com distribuição de renda gera um círculo virtuoso, reduz a pobreza, propicia forte expansão do mercado consumidor, amplia oportunidades profissionais, valoriza o espaço local e fortalece a cidadania.

Mudar o mundo a partir da aldeia. A cidade é da cidadania!



Jacy Afonso
Sindicalista



RAPOSA (OU CACHORRO-DO-MATO)

Eduardo Henrique

Os cachorros-do-mato (*Cercyon thous* L.), também chamados de raposas, são mamíferos da família Canidae com ampla distribuição na América do Sul. Essa espécie encontra-se em todos os biomas do Brasil, com exceção de grande parte da Amazônia, pois sua preferência é por ambientes mais abertos e matas pouco densas. Alimentam-se de frutos, insetos, crustáceos, pequenos mamíferos, aves, répteis e anfíbios.

Na Caatinga, assim como em outros biomas, os cachorros-do-mato exercem a nobre função de dispersar sementes de plantas nativas, contribuindo, assim, para manutenção da flora nati-

va e recuperação de áreas degradadas.

Por outro lado, existe o grande impasse na relação do cachorro-do-mato com o ser humano. Devido ao hábito alimentar diversificado e à destruição do seu ambiente natural, torna-se comum a predação de pequenos animais domésticos, motivo pelo qual esses canídeos são caçados a tiros, venenos, armadilhas ou com cães.

Além disso, pesquisas apontam que essa espécie lidera a lista de animais silvestres mortos por atropelamento. Portanto, apesar de não estar presente na lista de animais com risco iminente de extinção, é fundamen-

tal implementar ações que visem à conservação desta espécie.

Por exemplo, conscientizar e treinar produtores rurais para a construção de apriscos que mantenham os pequenos animais domésticos protegidos até atingirem tamanho seguro, pois, os ataques são comuns aos filhotes de caprinos e ovinos. No caso de aves, um galinheiro com tela é suficiente. Assim, evita-se o conflito entre os produtores e as raposas.



Eduardo Henrique
Técnico em Agropecuária.
Estudante de Agronomia.
Fotógrafo da Natureza.

ROMBO NA PREVIDÊNCIA: FALÁCIA DOS GOVERNOS

Trajano Jardim

A Reforma da Previdência vem sendo pauta de todos os governos a partir da Constituinte de 1988, que instituiu o sistema de proteção chamado de Seguridade Social, composto pelo tripé Previdência, Saúde e Assistência Social. Todos, sem exceção, sempre afirmaram que o sistema é deficitário e que por isso é preciso uma profunda reforma, que viria em prejuízo dos trabalhadores.

No governo interino de Michel Temer, a reforma é uma agenda que tem como pilar o aumento da idade mínima e a igualdade entre homens e mulheres e do trabalhador rural. O projeto-bomba de Temer baseia-se em dados oficiais da Previdência Social encaminhados ao Congresso, onde os "rombos" inventados pelos tecnocratas a serviço dos interesses dos planos privados de aposentadorias, que há muito lutam pela privatização do sistema público. No governo ilegal, a proposta tomou força e tem todas as condições de ser aprovada por esse parlamento de negociatas e entreguistas.

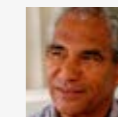
A falácia de déficit na Previ-

dência tem sido desmentida ano após ano pela Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (ANFIP), que divulga anualmente a publicação Análise da Seguridade Social, e os superávits são sucessivos, a saber: saldo positivo de R\$ 59,9 bilhões em 2006; R\$ 72,6 bilhões, em 2007; R\$ 64,3 bi, em 2008; R\$ 32,7 bi, em 2009; R\$ 53,8 bi, em 2010; R\$ 75,7 bi, em 2011; R\$ 82,7 bi, em 2012; R\$ 76,2 bi, em 2013; R\$ 53,9 bi, em 2014. Os números da ANFIP mostram que a proposta de reforma favorece a interesses que não são dos trabalhadores e trabalhadoras, contribuintes e beneficiários do sistema.

O projeto do governo interino, proposto pela CNI e pela Fiesp, busca enfraquecer e desmoralizar o modelo público que atende 32,7 milhões de benefícios, incluindo 9,7 milhões de aposentadorias por idade, 7,4 milhões de pensões por morte, 5,4 milhões de aposentadorias por tempo de contribuição e 3,2 milhões de aposentadorias por invalidez, entre outros. Com os valores distribuídos pela Previdência Social, corresponde a economia de

boa parte dos municípios brasileiros, para sua sobrevivência.

Aliada à reforma da Previdência, o governo Temer, de forma criminosa, quer a aplicação da Desvinculação das Receitas da União (DRU), que retirou cerca de 63,1 bilhões da Seguridade Social nos últimos tempos, em prejuízo dos segurados. Diante disto, resta aos trabalhadores organizados travar a luta contra a proposta de impeachment, que é o atalho para destruir as conquistas dos trabalhadores.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário



UM GOLPE CONTRA O FUTURO?

Renata Queiroz Dutra

- Quem estará nas trincheiras ao teu lado?
 - E isso importa?
 - Mais do que a própria guerra.
- Ernest Hemingway (1899-1961)

Em vias de consumação do golpe midiático-judiciário-parlamentar, observa-se um redirecionamento das forças políticas agenciadoras da crise contra a legislação trabalhista. As propostas, sucessivas e articuladas, estão sendo feitas à luz do dia, das câmeras, do povo estupefato.

Não são golpes apenas contra as leis do trabalho. São golpes contra a regulação do trabalho de forma ampla: a Justiça do Trabalho, um dos principais agentes de regulação do trabalho do país, não ficou de fora, amargando um corte brutal no seu orçamento.

Os ataques alcançam também as garantias previdenciárias, o sistema de políticas sociais, os programas de renda mínima, o Sistema Único de Saúde, as políticas

educacionais, a maior parte dos projetos de inclusão de minorias, ou seja, a rede de amparo social, que materializa a chamada legislação social.

Mas o que querem os golpistas? E, para além deles, qual a transformação mais ampla que se arquiteteta e executa, no bojo da qual o próprio golpe contra o mandato da Presidenta eleita é apenas mais uma peça do jogo?

Idealizar, defender, lutar por, aprovar, concretizar uma rede de proteção àqueles e àquelas que vivem do seu trabalho constituem passos de um processo histórico complexo, assentado em lutas sociais e que não pode (nem deve) ser atribuído a um representante ou a um partido. O fazer-se da classe trabalhadora em cada

momento histórico passa pelas institucionalidades regulatórias que ela logra concretizar, as quais, num processo dialético, são conformadas na luta e, o sendo, conformam luta daqueles e daquelas que trabalham, alimentando horizontes simbólicos e reais de afirmação da classe trabalhadora enquanto sujeito político e agente democrático.

Os direitos, individuais e coletivos dos trabalhadores e trabalhadoras jogam um papel essencial na construção da cidadania e, por consequência, na forma de afirmação desses sujeitos nos cenários políticos que integram: seja em relação ao próprio conflito entre capital e trabalho, seja em relação aos demais debates que se colocam na arena pública, sobre propostas de Estado e de governo.

O processo que se deflagra em 1988 com a edição da Constituição Cidadã e com o fortalecimento de movimentos sociais que ali eclode e que, a partir dali, se aprofunda, pode ser traduzido num passo inicial de idealização de uma rede de proteção social, paulatinamente conquistada, sempre com base em processos contraditórios e moldados em avanços e recuos.

É no bojo da convivência conflituosa, esgarçada e tensa entre o projeto político democrático colocado no horizonte pela Constituição de 1988 e o discurso econômico de matriz neoliberal que passou a ser pautado pelo empresariado e absorvido pelos governos que se sucedem, após a década de 1990, que se desenvolve o atual conflito jurídico-parlamentar sobre a Democracia brasileira e que escoa, vigorosamente, para a nossa rede de proteção social aos que vivem do trabalho.

À luz dessa racionalidade,

não é curioso pensar que o passo imediatamente subsequente ao desrespeito às regras do jogo democrático, ao sufrágio popular e mandato da Presidenta eleita, seja o desmonte da rede de proteção social que, criadora e criatura, é responsável pela afirmação da massa trabalhadora do país como novos sujeitos políticos. Além da liberação do mercado das "amarras" e dos "custos" da legislação trabalhista, as medidas inerentes ao projeto redundam, logo após a desativação das regras do sufrágio, na tentativa de esvaziamento da arena política, também por meio da fragilização de seus sujeitos.

O golpe qualifica-se como tal não só por ser peça chave de um projeto mais amplo de desertificação das arenas democráticas e eliminação das mínimas formas de controle do capital, mas também porque se consuma não apenas dispensando a necessidade de disputar o voto e a consciência dos trabalhadores. Mas porque prossegue no sentido de anulá-los enquanto atores políticos e anular também os espaços por meio dos quais poderiam se insurgir. Primeiro desconsiderando seu voto e rasgando o projeto que elegeram. Em seguida, desmontando a estrutura social que, por primeiro, os fez experimentar como veste a palavra cidadania, e interrompendo seu processo de emancipação política, ainda tão incipiente.



Renata Queiroz Dutra – Professora de Legislação Social e Direito do Trabalho da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Doutoranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília. Servidora da Justiça do Trabalho.

FGTS:

GOVERNO E BANCOS PRIVADOS MIRAM NO FIM DA GESTÃO DA CAIXA

Governo e bancos privados miram no fim do monopólio da Caixa na gestão do FGTS. Na avaliação de diretores da Fenae, o sistema financeiro privado está de olho no patrimônio de R\$ 300 bilhões e no acesso a essa fonte barata de captação para financiamento de longo prazo.

No momento em que parcelas significativas da população declaram mobilização permanente sobre a situação política no Brasil, um instrumento fundamental para o trabalhador está sob grave ameaça. É o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), administrado exclusivamente pela Caixa Econômica Federal desde 1992, que desperta o apetite de bancos privados como parte de um cenário armado pelo governo interino de Michel Temer e que visa ao enfraquecimento do setor público financeiro.

Esse propósito, que tanto prejuízo irá causar ao patrimônio da

classe trabalhadora, foi objeto do noticiário da grande imprensa, com o anúncio de que instituições como Bradesco e Santander estão interessadas em quebrar o monopólio da Caixa, para botar a mão no saldo dos recursos descontados mensalmente do salário dos trabalhadores com carteira assinada, equivalente hoje a mais de R\$ 300 bilhões.

A meta do sistema financeiro privado é ter acesso a uma fonte barata de captação em meio à escassez de dinheiro para o financiamento de longo prazo. O volume de recursos do FGTS não é pequeno, mesmo com a arrecadação em queda e os saques em alta por conta de uma conjuntura de recessão e desemprego. De janeiro a maio deste ano, foram R\$ 50 bilhões em depósitos e R\$ 44,7 bilhões em saques, o que representa um saldo líquido de R\$ 5 bilhões.

A eventual mudança no FGTS faz parte de um conjunto de ma-

zelas que Temer pretende perpetrar contra os interesses nacionais, traduzida na retirada de direitos sociais e trabalhistas. O presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira, entende que o papel social do fundo não se negocia.

“O FGTS não foi criado com o objetivo de ser ferramenta dos trabalhadores para investimentos, como ocorreu durante a privatária do governo FHC nos anos 1990, com a compra de ações da Companhia Vale do Rio Doce e da Petrobras. O propósito é o de servir de garantia mínima para eles, exercendo ainda um papel social importante, uma vez que os recursos estão atrelados ao financiamento de projetos nas áreas de habitação, saneamento básico e infraestrutura, em geral com taxas abaixo das aplicadas pelo mercado”, afirma.

Além da tentativa de apoderar-se da bilionária poupança de milhões de trabalhadores, os bancos privados enxergam na gestão das

contas do FGTS uma possibilidade de fidelização do cliente, que tende a concentrar suas movimentações financeiras em uma única instituição.

Hoje, o dinheiro depositado no fundo rende 3% ao ano mais Taxa Referencial (TR), que está em 2% no acumulado em um ano, abaixo da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), de 9,49% em 12 meses. O indicador mede a variação do custo de vida de famílias com renda de até cinco salários mínimos.

Outro alvo é a remuneração pela gestão do FGTS. Para se ter uma ideia do que isto representa, a Caixa recebeu em 2014 R\$ 4 bilhões pela prestação do serviço. Esse dinheiro foi pago pelo próprio fundo, que teve lucro de R\$ 12,9 bilhões naquele ano, quando encerrou o exercício com saldo de R\$ 328,2 bilhões. “Com a mudança, o

FGTS perderia a função social.

O rendimento apurado permite o crédito a juros baixos para moradia popular e saneamento. Se houver o fim do monopólio da Caixa, a remuneração tenderá a aumentar significativamente e o juro ficará mais alto, com o registro de perdas para a população de baixa renda”, denuncia Fabiana Matheus, coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/ Caixa) e diretora de Administração e Finanças da Fenae. Cardoso, vice-presidente da Fenae, diz que um olhar mais amplo sobre a questão leva à conclusão de que o FGTS também dá acesso a uma rede de proteção ao emprego que gera recursos, movimenta a economia e traz benefícios a todos. “Por isso, não concordamos com a entrega do FGTS aos bancos privados”, reitera. Segundo ele, o movimento nacional dos empregados

precisa resistir ao propósito da direita de reapresentar o mesmo filme antigo que terminou, na encenação relativa ao uso do FGTS no processo de privatização do patrimônio público, com uma das crises mais profundas da história do país.

“O Fundo de Garantia integra a missão da Caixa de atuar na promoção da cidadania e do desenvolvimento social e econômico do Brasil, na condição de agente de políticas públicas e parceira estratégica do Estado. E assim deve continuar. Lutaremos contra essa proposta de retirar o FGTS do controle de um banco 100% público e dos trabalhadores brasileiros”, finaliza o presidente Jair Pedro Ferreira.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



A GUERREIRA MARIA QUITÉRIA: O SOLDADO MEDEIROS

Iêda Vilas Boas

Maria Quitéria de Jesus Medeiros, mulher indignada com sua condição submissa, com seus problemas familiares e de uma coragem e um brio admiráveis. Foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência, com atuação na Bahia. Nasceu em Feira de Santana, a 27 de julho de 1792, e faleceu em Salvador, em 21 de agosto de 1853. Foi a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas Brasileiras e a primeira mulher a entrar em combate pela defesa do Brasil, em 1823.

Maria Quitéria foi a filha primogênita dos portugueses Gonçalves Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus, ambos nascidos na colônia do Brasil. Muito criança perdeu a mãe. Seu pai, de imediato, casou-se novamente. Dessa união não nasceram filhos. Gonçalves Alves casou-se pela terceira vez, com Maria Rosa de Brito, com quem teve mais três filhos.

Maria Quitéria não frequentou escola, destino de poucos privile-

giados, mas já apresentava caráter forte e indomável. Aprendeu a montar, a caçar e a usar armas de fogo, habilidades essenciais para quem vivia no campo. Porém, Maria Rosa, a madrastra, discordava dos modos independentes da jovem mocinha. A rivalidade entre as duas estava traçada e visível.

Maria Quitéria estava noiva quando, entre 1821 e 1822, iniciaram-se na Província da Bahia as agitações contra o domínio de Portugal. Em 1822 ocorreu o episódio de martírio da freira Joana Angélica, no Convento da Lapa, que desabrochou na jovem Maria Quitéria um forte desejo de vingança e de defender sua Bahia e seu país.

Em Cachoeira, reduto dos independentes baianos, instalou-se na vila o Conselho Interino do Governo da Província, que defendia o movimento pró-independência da Bahia ativamente, enviando emissários a toda a Província em busca de adesões, recursos e vo-

luntários para formação de um "Exército Libertador".

Maria Quitéria manifesta desejo de se alistar e teve seu pedido negado pelo pai. A moça corajosa fugiu e, com auxílio de sua meia-irmã e de seu cunhado José Cordeiro de Medeiros, cortou os cabelos, vestindo-se como um homem alistou-se no Regimento de Artilharia sob o nome de Medeiros, ali permanecendo até ser descoberta pelo pai, duas semanas mais tarde.

A tentativa de recuperar a fujona foi mal lograda. Em sua defesa ela teve o Major José Antônio da Silva Castro (avô do poeta Castro Alves), comandante do Batalhão dos Voluntários do Príncipe. Conquistou pontos a seu favor sua facilidade no manejo das armas e de sua reconhecida disciplina militar.

Assim, foi incorporada à tropa. Lutou em diversas batalhas com bravura e recebeu o título de cadete, com espada e acessórios. Usava uniforme na cor azul, ao

qual foi acrescentado um saiote à escocesa, por ela elaborado, além de capacete com penacho.

Maria Quitéria emancipou-se. Sabia bem o que queria e empoderou-se num ambiente totalmente machista. Devotava imenso amor pela Pátria prestes a nascer. Assumindo a sua condição feminina, embora usasse o nome de Soldado Medeiros, impõe respeito e admiração.

O soldado de voz doce e macia veste saias, mas nada fica a dever a nenhum homem na coragem, no trato, no companheirismo. Quitéria torna-se exemplo e, mais que isso, mascote da tropa interiorana de resistência.

Em 2 de julho de 1823, quando o Exército Libertador entrou em triunfo na cidade de Salvador, Maria Quitéria foi saudada e homenageada pela população. Foi condecorada pelo Imperador D. Pedro I com a insígnia de cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

Maria Quitéria de Jesus era analfabeta e possuidora de inteligência clara e percepção aguda. Tinha uma personalidade notável. Nada se observava de masculino nos seus modos, que eram notados por sua gentileza e amabilidade. Lutou pela libertação da Mulher, pela nova Mulher que haveria de surgir.

Por Decreto da Presidência da República, datado de 28 de junho de 1996, Maria Quitéria foi reconhecida como Patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro. A sua imagem encontra-se em todos os quartéis, estabelecimentos e repartições militares da Força, por determinação ministerial.

Do crepúsculo de sua vida, não sobraram honrarias: casou-se com o noivo lavrador, que deixara ao partir para a guerra; morreu seu marido; enfrenta a cegueira progressiva e a pobreza extrema e, por fim, provavelmente em 1853, morre esquecida, aos 61 anos. Não teve pompas em seu enterro e nem mausoléu comumente reservado aos heróis. Ignora-se onde está seu túmulo.



Iêda Vilas-Boas
Escritora

Foto: www.osheroisdoBrasil.com.br





Equipe da ED 431 pronta para o início do Arraiá Verde

Deva Garcia

EC 431 de Samambaia Norte promove "Arraiá Verde"

O que tem a ver um "arraiá", tradicional festa desta época do ano, com meio ambiente? Para o pessoal da Escola Classe 431 de Samambaia Norte tem tudo; é uma combinação perfeita.

Tanto que no dia 9 de julho, a escola promoveu o seu "Arraiá Verde". À primeira vista pode soar um pouco estranho, mas a atividade – pra lá de animada – faz parte do projeto político-pedagógico da EC 431, que contempla atividades ligadas ao meio ambiente, conscientizando os es-

tudantes acerca de questões como a escassez de água, por exemplo.

"No caso da água, o Distrito Federal pode passar neste ano por um período difícil como o Estado de São Paulo passou recentemente. Então, é preciso conscientizar, esclarecer, antes que as coisas cheguem ao extremo", explicou o pedagogo Luiz Alberto Silva do Nascimento, diretor da escola há cinco anos.

Por isso mesmo, a barracquinha de pescaria da festa trazia lembretes sobre a neces-

sidade de economizar água. E assim, barracquinha por barracquinha, o arraiá foi dando conta do recado, fazendo essas ligações e encaixando o meio ambiente às festividades.

Com cerca de mil alunos, de idades que variam dos quatro aos 13 anos, a EC 431 já levou à frente outros projetos ligados ao meio ambiente, como o replantio de árvores. A vice-diretora Jucilea Leal da Silva Matos espera "que a semente que está sendo plantada dentro da escola comece a dar frutos também fora da escola. Que

os estudantes possam levar para casa, para a comunidade, aquilo que foi debatido e aprendido aqui. É isso que vai fazer a diferença".

INDO ALÉM – Luiz Alberto destaca que, paralelamente, a escola procura resgatar projetos e festas culturais, de tudo aquilo que faz parte da comunidade local. "Quando eu falo em resgate, falo da preocupação em manter a tradição de brincadeiras como jogar

peteca, pique-esconde, entre outras. Brincadeiras que não vemos mais, pois estão sendo trocadas pelos jogos eletrônicos, sobretudo aqueles que são jogados em aparelhos celulares".

O diretor vai além e enfatiza que "quando falamos em preservação do meio ambiente normalmente associamos isso ao cuidado com plantas e árvores, mas vemos que essa questão vai além. Falamos também da preservação do respeito,

preservação das culturas, preservação da diversidade, preservação do amor ao próximo. Meio ambiente é um tema transversal que perpassa por várias áreas".

De acordo com Jucilea Leal, é consenso do grupo de professores e professoras que esses assuntos têm que ser debatidos, levados diariamente para a sala de aula. "A escola tem esse papel, o de levar essa discussão aos estudantes e à comunidade escolar", disse.



Lembrete sobre a economia de água na barraca de pesca



Conscientização sobre o meio ambiente em sentido amplo deve começar cedo





DESENVOLVIMENTO: PRESSUPOSTOS PARA A SUSTENTABILIDADE

Leonardo Boff

O desenvolvimento que vigora em quase todos os países não pode ser considerado sustentável. Não obstante, precisamos viver. Por isso necessitamos produzir com certo nível de crescimento e de desenvolvimento.

A questão toda se resume nisso: como fazê-lo para beneficiar a todos os seres vivos e principalmente os seres humanos com um bem-viver suficiente e decente, de tal forma que em curto, médio e longo prazos possamos manter o capital vital da Mãe Terra, necessário para as presentes e futuras gerações?

Para alcançar esse objetivo se busca a sustentabilidade que, para merecer esse nome, exige-nos-fazer uma revolução conceptual e prática da magnitude das grandes revoluções havidas

no passado, como a do Neolítico (agricultura) e a dos tempos modernos (industrialização/automação). Para isso, importa assegurar a vigência de alguns pressupostos:

* Garantir a vitalidade do Planeta Terra com seus ecossistemas (comunidade de vida);

* Assegurar as condições de persistência da espécie humana e de sua civilização;

* Manter o equilíbrio da natureza;

* Tomar a sério os danos causados pelo ser humano à Terra e a todos os biomas.

* Dar-se conta dos limites do crescimento;

* Controlar de forma não coercitiva o crescimento da população;

* Reconhecer a urgência de mudança de paradigma civilizacional e perceber a capacidade inspiradora da nova cosmologia de transformação para que haja efetivamente sustentabilidade;

* Entender o ser humano como portador de duas formas: uma de pão, que é saciável (quantidade), e outra de beleza (qualidade), de transcendência, de compreensão e de amor, que é insaciável (expressão cunhada pelo poeta cubano Roberto Re-tamar e difundida por Frei Betto e por outros).



Leonardo Boff, em Sustentabilidade: O que é o eu não é. Editora Vozes. 2012.

Doemas I e II

Reinaldo Bueno Filho

Doema I

Estive a observar na quietude de sua boca
O nervosismo manso e discreto do seu olhar.
Absorto em você estava de tudo: você
Carrara rara, cara, de sentimentalismos vãos.
Constatei a criança perdida de sua risada,
A triplicidade desfocada e inda insana de suas ideias,
A voracidade cruel de mim a sua inobediência,
O saber filosófico e mudo de sua boca fechada.
Enxerguei em você o mais fundo,
Perdido e afogado sentimento em mim.

Doema II

Expurgo enfim de mim,
Por tudo infeliz,
todos os bradados préstimos.
Por pequena ou grande porção,
proporção-perspectiva.
Em préstimos, empréstimos.
Meu confim:
bicho-homem-ferido
só carrega tanta carga
quanto a carne e a pobre alma
podem se permitir.
É tão triste assim.
Permito-me as tapas,
às tampas, otário eu.
Eu desenho um novo além:
cego, surdo, mudo, burro:
abstração também é arte!
Expurgo você, saneio a mente.
Metáfora de graça:
o diamante para ser lapidado
perde partes (e dói).
Filosofia barata:
o sofrimento faz valer mais?



Reinaldo Bueno Filho, Educador. Diretor do Instituto Galileu - Formosa - Goiás

PAULO SOUZA NETO

O MONGE DAS BOAS CAUSAS

Jaime Sautchuk

Pescar nos belos rios de Goiás, em especial no Araguaia e no Tocantins, era uma prática histórica.

Caminhões, caminhonetas e carros comuns faziam filas nas estradas repletos de peixes, contrariando a lei. Não haveria autoridade ambiental ou policial que desse conta de tanta apreensão.

A Secretaria Estadual de Meio Ambiente partiu, então, pra conscientização.

Criou uma ampla campanha denominada "Peixe não anda de carro" e conseguiu um baita sucesso. Fez a cabeça de famílias inteiras, crianças e mulhe-

res com mais força, que viraram parceiros na defesa dos peixes e dos rios. E os rios voltaram a ser piscosos.

O autor de tal feito foi Paulo Souza Neto, então no comando da Agência Ambiental de Goiás. Era mais uma causa deste religioso, que já trajou batina redentorista e acredita que político e servidor público devem servir ao povo, com alma, não com visão profissional, que é o que ocorre hoje, em seu entender. E lhe causa certo desencanto.

De todo jeito, ele criou ou faz parte de uma série de outras atividades em defesa das águas de Goiás. No Araguaia, que no mês de julho se torna a praia dos goianos, há vários outros projetos que

tratam de lixo, poluição de áreas verdes, dunas de areia e da própria água. São ações de governos de estados, prefeituras, ONGs e comunidades.

Ele nasceu e Ivolândia, pequena cidade do oeste goiano, surgida na década de 1930, com o garimpo de pedras preciosas, que atraiu hordas de baianos e mineiros. Esgotados os veios às margens do rio Claro, ficou um núcleo de famílias que formou a cidade, hoje com menos de três mil habitantes.

Seu pai, Juvêncio, era farmacêutico prático, mas ganhou a vida como alfaiate. Casou-se com Abadia Paes de Souza e, juntos, tiveram 12 filhos, nove homens e três mulheres. A mãe era uma dona de casa, mas trabalhava muito e teve grande influência espiritual sobre a filharada. Quer o bem a todos era o mote das conversas.

Arranjar estudo e empregos pra tanta gente na cidade era difícil. Assim, a família se mudou pra Goiânia, em 1969, quando Paulo iria completar sete anos.

Na Capital, as oportunidades, de fato, existiam. Mas as dificuldades também, e muitas.

Aos nove anos, Paulo já trabalhava em atividades diversas e logo se ligou a grupos da juventude cristã. Aos 19 anos, foi morar com os padres Redentoristas, no Seminário São José, na Vila Aurora, onde iniciou o curso Filosofia (completado mais tarde na UFG).

A Igreja desenvolvia, à época, o programa Comunidades Eclesiais de Base (CEB), que aproximava sua ação pastoral da cidadania. Nessas chamadas experiências inseridas, Paulo se juntou a outros seminaristas, sob a coordenação do padre Rubens Moraes, e foi morar em um bairro popular da periferia de Goiânia, Água Branca.

Voltou ao seminário por três

anos e depois, como militante e agente pastoral, participou de várias outras ações das CEBs na periferia da Capital. Atuou no movimento de posseiros urbanos que ocupou várias áreas da cidade, hoje transformadas em bairros.

Essa atividade o levou a ser eleito vereador de Goiânia, em 1988. Na Câmara Municipal, concentrou suas ações em três temas: planejamento urbano, meio ambiente e mobilidade urbana. Dedicado, estudioso, disposto a arregaçar as mangas sempre que necessário, nas ruas, ele se tornou referência nessas questões.

Desistiu de se candidatar a novos mandatos por achar que a política parlamentar deve ser atividade passageira. Partiu, então, pra cargos no executivo, com o mesmo vigor e novos sonhos a tornar realidade.

Foi secretário municipal de Meio Ambiente, presidente do Instituto Municipal de Planejamento, da Agência Goiana de Meio Ambiente e também da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, dentre outras funções públicas.

"Faço uma avaliação positiva de minha atuação em todos eles. Contudo, existe um esgarçamento da gestão pública. O modelo atual ruiu e não serve mais. Infelizmente, foi contagiado pela política com "p" minúsculo. Pena", afirma ele.

No decorrer dos anos, Paulo atuou em grande número de atividades culturais. Participou, por exemplo, do grupo que criou a Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), realizado anualmente, desde 1999, na Cidade de Goiás (Goiás Velho).

Mantém, do mesmo modo, sua atividade religiosa, que inclui visitas esporádicas a templos católicos e orações em diversos momentos do dia, como nas horas

de refeições. E mantém fortes relações com setores progressistas da Igreja em diversas áreas. Mas adverte que "a igreja principal está em nossos corações".

Nos últimos anos, ele tem se dedicado a estudar e praticar Comunicação Social, como forma de usar os meios disponíveis na mídia alternativa pra expor ideias e promover debates.

Atualmente, Paulo coordena um grupo técnico multidisciplinar sobre desenvolvimento municipal na Federação Goiana dos Municípios e, com um amigo, presta consultoria na área de planejamento municipal.

"O desafio é como repensar a gestão pública a partir da escala local, onde as pessoas vivem. A atual crise política, econômica e institucional expressa um modelo velho, já corroído pelas suas contradições", explica ele.

Paulo é solteiro, por opção, mas namorado. É pai de uma filha, Lisa Pessoa Souza, de 20 anos, que cursa Direito na UFG e usa com frequência o quarto que tem no espaçoso apartamento de seu pai, no Setor Universitário, em Goiânia.

Ele prefere ficar em casa, só, como um monge a elaborar novas boas ações. Uma faxineira vai cuidar da limpeza da casa em alguns dias da semana. A comida, ele mesmo faz. Uma mistura de sucos e grãos dietéticos com a boa feijoada goiana, galinhada com pequi e essas coisas.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

CONTRA A DESTRUIÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA



Uma vez mais, o Sintego se posiciona com firmeza contra a pauta anti-povo e anti-trabalhadores que pode ser retomada para votação no Congresso Nacional. Sob essa perspectiva, como foco principal mudam-se as regras da aposentadoria e cria-se a terceirização total-geral-irrestrita que seria o total desmanche do serviço público no Brasil.

A situação é séria e os trabalhadores precisam estar organizados e bem informados para combater essas leis retrógradas que são votadas, na maioria das vezes, nas horas mortas da madrugada e decididas através de voto simbólico. Uma total afronta à luta dos trabalhado-

res e trabalhadoras desse país.

O Sintego centra sua determinação em discutir e fazer valer duas importantes lutas da categoria: o Piso Salarial e a Data Base.

PAUTA DE LUTAS

A Assembleia Geral dos Servidores, realizada no dia 09 de agosto, em frente à Assembleia Legislativa, organizada pelo Fórum em Defesa dos Servidores e Serviços Públicos de Goiás, aprovou por unanimidade uma agenda de mobilização para este mês de agosto, visando a construção de uma Greve Geral do funcionalismo público estadual.

Assembleia reuniu 39 das 42 entidades que constituem o Fórum dos Servidores e teve par-

ticipação da secretária de Combate ao Racismo da CNTE, Iêda Leal, que também é vice-presidente da CUT-GO e do Sintego.

Foi definido um calendário de atividades e de audiências com os presidentes da Assembleia Legislativa, do Tribunal de Justiça, da Procuradoria Geral de Justiça e com o governador do Estado, além de mobilizações como carreatas e a participação em atos convocados pelas centrais sindicais.

Outra frente de atuação são as redes sociais. Os sindicatos ligados ao Fórum mantêm uma campanha constante de sensibilização dos servidores em seus portais e microblogs na internet para campanha "Reaja Servi-

dor", que pretende ampliar a luta pela Data-Base e pelo Piso.

Bia de Lima diz que o desafio dos sindicatos que compõe o Fórum é conscientizar os servidores públicos na defesa de seus direitos, pela dignidade de suas carreiras, construindo as condições para uma grande greve geral de todos os funcionários públicos do Estado. Bia, informa, ainda, que o sindicato vai propor ao Ministério Público do Estado uma ação civil pública para que o governo pague o Piso, e pede que a categoria fique mobilizada para defender seus direitos:

"Os projetos em votação no Congresso Nacional e as medidas tomadas pelo governo do Estado, com a privatização da saúde, através das OSs e a tentativa de colocar as OSs na Educação representam a tentativa de destruição do serviço público. Temos que reagir, cobrar dos nossos deputados o respeito aos servidores públicos e exigir deste governo o pagamento da Data-Base e do Piso, que nada são do que a simples recomposição das perdas salariais com a inflação do período", alerta.

O DESMANCHE DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

A tentativa de desmanche da Educação Pública vem sendo seguida e monitorada de perto pelo Sintego, que não se descuida de propor ações, discutir o assunto e participar de atos em defesa da Educação.

No dia 29/07, os dirigentes do Sintego estiveram presentes em manifestação na sede do MEC, em Brasília, e fizeram questão de manifestar a indignação da categoria em relação às propostas do ministro-interino do MEC que quer o fim da aposentadoria especial do magistério, o fim das receitas do petróleo para educação, a ameaça à política salarial dos servidores públicos, com o fim da Lei do reajuste do Piso Salarial Nacional do Magistério,

a desvinculação de receitas da educação e outras questões que vão acabar com anos de luta do movimento sindical da educação na batalha pela valorização da categoria.

Sabemos que o Piso Salarial é lei no Brasil (Piso Salarial Profissional Nacional – Lei nº 11.738, de 16/7/2008), mas ainda é muito abaixo do valor de outras profissões com a mesma formação. O Piso Salarial passou a ter validade a partir de 27 de abril de 2011, quando o STF reconheceu sua constitucionalidade. A decisão obriga a todos os entes federativos ao cumprimento da Lei.

Sabemos que o Governador Perillo, mostrando uma vez mais, sua insensibilidade à causa dos professores, desde os primeiros instantes reagiu contra o Piso, alegando ser injusto pagar o piso também aos aposentados e usando da velha desculpa de que o Estado não possui condições financeiras de acompanhar o valor do Piso Nacional.

Dessa forma, o Sintego se mantém vigilante e alerta mostrando vitória em relação ao pagamento do Piso e Data-Base. Como exemplo, citamos a atuação do Sintego na cidade de Goiânia, onde através da luta da categoria a prefeitura estabeleceu o ajuste automático do Piso, assim que o MEC anuncia o índice. Assim, diferentemente do governo do Estado, que ano após ano dá o calote no servidor, o município de Goiânia cumpre a Lei 11.738/2008, conferindo dignidade aos trabalhadores em Educação.

Há uma espada no ar, pendulando sobre a cabeça dos trabalhadores em Brasília, no Congresso Nacional, e em Goiânia, no Palácio das Esmeraldas. Afastar esta ameaça de retrocesso em direitos duramente conquistados é o desafio do Sintego e de todas as categorias de servidores públicos. A luta continua.



Agosto

DIABO SOLTO?
MÊS DO DESGOSTO?



Lúcia Resende
Professora

@mluciares

Lúcia Resende

DIABO SOLTO

Dizem que agosto é tempo de diabo solto na Terra. Difícil precisar de quando vem a crença, mas o fato é que ela vem sendo reforçada ao longo da História.

Sabe-se que o nome do oitavo mês foi uma homenagem ao imperador romano Augustus, e já naquele tempo acreditava-se no mau agouro do mês, sendo comum atestarem na Roma antiga que uma criatura horripilante cruzava os céus da cidade expe-lindo fogo pelas ventas. O fato se dava especificamente no dia 24, data em que se rememora o martírio do apóstolo São Bartolomeu (Natanael), que teve arrancada a pele antes da decapitação (24 de agosto de 51 d.C). Seu crime? Falar de Jesus crucificado. Desde então, nessa data, ou às vezes um pouco antes, dizem que o diabo escapa do inferno, apronta maldades na Terra, até que o santo prenda o bicho novamente, sempre até o último dia de agosto.

Certeza disso ninguém tem, mas foi num 24 de agosto, no ano de 1572, por exemplo, que, por ordem de Catarina de Médici, ocorreu o massacre da noite de São Bartolomeu, que praticamente dizimou os protestantes franceses.

Não faltam exemplos de tragédias acontecidas em agosto: 1831, os poloneses foram derrotados pelos russos na Revolta de Varsóvia; 1932, Hitler assumiu o governo da Alemanha; 1945, bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki; 1985, acidente aéreo matou 520 pessoas no Japão. E não é só. Em agosto morreram personalidades como Elvis Presley e princesa Diana, e é alto o índice de infartos, de suicídios, de assassinatos. E há registros inúmeros de enchentes, terremotos e conflitos, tudo por conta do diabo solto.

Por aqui, há quem jure que o

diabo estava solto e que foi o danado quem deu aquele tiro que matou Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, e que também foi o malvado quem cutucou Jânio Quadros, provocando a renúncia de 25 de agosto de 1961. Assim como teria sido ele o responsável pelo acidente que matou Juscelino Kubitschek, em 22 de agosto de 1976. E que estaria ele atormentando os senadores para aprovarem um impeachment sem crime de responsabilidade, em 2016.

Pior que o dia do diabo solto só mesmo uma sexta-feira 13 em agosto, dizem os supersticiosos. Não foi em sexta-feira, mas foi em 13 de agosto que um acidente aéreo matou o presidencial Eduardo Campos e mais seis pessoas, em 2014. Exatos nove anos antes, também num 13 de agosto, morreu o avô de Campos, Miguel Arraes. Não custa ficar alerta, né?

MÊS DO DESGOSTO

Agosto chega sempre com o aposto, como um alerta: mês do desgosto. A crença veio com os colonizadores, já nas primeiras caravelas. Mês do diabo solto, sempre bom se precaver.

Era no oitavo mês do ano, verão europeu, que os varões portugueses se lançavam ao mar, em aventuras que nem sempre tinham bom desfecho. Em razão disso, nenhuma donzela se casava em agosto nas terras lusi-

tanais, porque além de não poder desfrutar da lua-de-mel, a recém-casada correria risco de viuvez, caso desafiasse a regra. Acreditavam, pois, que casar em agosto trazia desgosto. Assim, convencionou-se dizer: agosto, mês do desgosto.

Daí a recomendação dos mais velhos de que não se deve casar em agosto. Pelo sim, pelo não, melhor não arriscar. Afinal, há outros 11 meses do ano para isso!



SINDICOM-DF
Sindicato dos Comerciários do Distrito Federal

Telefones: 3224-3808 / 3038- 2200 / (Fax) 3224-1584

O Sindicato dos Comerciários no DF nasceu em 1963 e em 50 anos cresceu muito. De uma pequena sala no Setor Comercial Sul, o Sindicom tem um patrimônio que orgulha a categoria. Foi uma luta que envolveu muito suor, trabalho e atuação fundamental dos filiados. Vamos dar destaque para os últimos 20 anos, que coincide com o processo de democratização do país cujo qual valorizou o trabalhador no comércio.

A verdade é que a diretoria colegiada e a presidente, Geralda Godinho, fazem questão de mostrar toda essa estrutura que se encontra disponível para a categoria e trabalhadores em geral. A pequena sala sede hoje é o andar inteiro com consultórios médicos, odontológicos, homologação, departamento jurídico, apoio de base e imprensa. Em Taguatinga tem sede também contando com o que há de mais moderno para atender os associados. As subdesdes se encontram em Sobradinho e Gama. O Clube dos Comerciários conta com uma mega estrutura de lazer, com piscinas, churrasqueiras, restaurante, área verde, salão de jogos, campo e futebol, campo de areia e o salão de festas.

REDE DE ATENDIMENTO:

BRASÍLIA
Setor Comercial Sul, quadra 6, edifício José Severo, 7º andar - Tel: 3038-2200 / 3224-1584
TAGUATINGA
Endereço: QNE 31, lote 2 - Taguatinga Norte, no horário das 8h às 18h - Tel: 3037-8812

SOBRADINHO:
Quadra 8, Bloco 18, Loja 9 - Sala 4. Tel: 3487-2586
GAMA:
Edifício Office Center 3º andar sala 309 Setor Central do Gama. Tel: 3384-6747

CLUBE
Fazenda Ponte Alta Norte V
Gleba A - Número 25 - Núcleo Rural Casa Grande - CEP 72-400-000
Recanto das Emas - DF
Fone:(61) 3404-0851



presidencia@sindicomdf.com.br | sindicatodoscomerciariorodf | site: www.sindicomdf.com.br

Orgulho de ser Comerciário, esse é nosso lema! Filie-se

DRACHTEN, A CIDADE SEM SINAIS

Cidade holandesa dispensou a tradicional sinalização de trânsito e ganhou a paz

Antenor Pinheiro

Especial de Drachten e Leeuwarden, Holanda



O mundialmente conhecido cruzamento "Laweiplein": semáforo substituído por rotatória elevada e supressão dos meios-fios

Pense uma cidade com as dimensões, população e frota de veículos semelhantes a Caldas Novas (GO), Mirassol (SP) ou Canela (RS), cujas ruas não possuísem semáforos, placas de sinalização, meios-fios, radares e, no lugar do asfalto, peças pré-moldadas permeáveis proporcionando melhor conforto térmico e recarga do solo.

Uma cidade onde as calçadas e ruas fossem niveladas e compartilhadas no seu uso. Somente a direção das ruas aparecesse em discretos sinais, e por incrível que pareça, onde os veículos se deslocassem em simétrico entendimento, circulando com invejável sintonia e baixa velocidade. Pense uma cidade de proporções médias que ao adotar tal conceito de urbanismo não tivesse mais acidentes de trânsito com mortes desde 2003.

Pois bem, essa cidade existe, chama-se Drachten, fica no norte da Holanda, a 140 quilômetros de Amsterdam. Foi a primeira cidade a adotar o conceito batizado de "Shared Space" ou "espaço compartilhado", mas hoje há exemplos em todo o mundo, em maior ou menor escala.

Num primeiro momento, qualquer visitante brasileiro que chegue em Drachten se sente confuso diante de sistema viário tão incomum e aparentemente despropositado. Porém, com o passar das horas, a sensação é a de vivenciar espaços em que os diversos modais de transportes coexistem sem estresse, em absoluta harmonia com o ambiente construído e a natureza.

O "SHARED SPACE"

O idealizador do sistema "revolucionário" de Drachten foi o en-

genheiro holandês Hans Monderman, falecido em 2008. Sua fama consolidou-se mundialmente por achar que sinais de trânsito colaboram para promover acidentes. Baseado nessa premissa, concluiu que a harmonia do trânsito está localizada mais na percepção do meio ambiente em sua dinâmica que nas regras oficiais de circulação e conduta.

Para Monderman havia dois mundos: o mundo do sistema viário, todo padronizado e cheio de regras, e o mundo social, onde as pessoas convivem. "As cidades não devem ser rodovias, devem ser um mundo social". Não queria dos motoristas um comportamento de trânsito, mas um comportamento social, conforme anota o engenheiro Pieter de Hann, seu sucessor no "Laboratório (Kenniscentrum) Shared Space" de Leeuwarden, cidade vizinha de Drachten.

É fácil perceber isso nas ruas de Drachten. O inusitado do novo sistema está na comunicação visual recíproca entre as pessoas que interagem no viário e nas atitudes de cautela tomadas constantemente. "Quando você trata as pessoas como idiotas, elas agem como idiotas, ou seja, quando o governo decide tutelar a responsabilidade dos cidadãos, eles não conseguem mais elaborar um juízo de valor sozinhos.

Então, quando você quer que

as pessoas desenvolvam valores próprios sobre como lidar com as interações sociais, você precisa libertá-las, dar-lhes mais liberdade", afirmou Monderman em entrevista ao escritor e jornalista americano Tom Vanderbilt ("Tráfego: Por que Dirigimos Assim?").

IMPLANTAÇÃO

O conceito de "espaço compartilhado", contudo, não foi absorvido facilmente pela comunidade de Drachten. Em entrevista concedida na Câmara Municipal da cidade a secretária de Assuntos de Tráfego, vereadora Marjan van der Aart, lembra que foram três anos de debates comunitários e uma forte gestão de comunicação social, o suficiente para que a ideia saísse do papel e se transformasse em "política pública que hoje atrai permanente atenção internacional".

É verdade! Nos moldes adotados em Drachten, hoje o "shared

space" está acolhido pela União Europeia e repercute em mais de 150 cidades, inclusive nas grandes metrópoles. Londres por exemplo experimenta o conceito na região de Kensington/Hyde Park. Também está presente em Nova Iorque, Amsterdam, Seul, Copenhague e outras - o que significa que pode ser implantado em contínua expansão por regiões, bairros e ruas.

Por aqui na América Latina é possível ver o conceito em Santiago (Paseo Bulnes) e Bogotá ("Eixo Ambiental" / "Espaço San Victorino"). Ou seja, é possível adotar o "shared space" nas metrópoles também do Brasil.

ACIDENTES COM MORTES ACABARAM

Desde que o projeto foi implantado entre 2001 e 2003, Drachten não contabiliza acidentes de trânsito com óbitos. No mais famoso cruzamento da cidade, Lawei-

plein, o semáforo foi substituído por uma rotatória soerguida e florida; as calçadas e ruas viraram espaço comum; as placas de sinalização removidas; o pavimento repaginado; e fortes jatos verticais de água que chegam a seis metros de altura são acionados quando os veículos que dele se aproximam excedem os 30 km/h.

No lugar de um processo binário e mecânico (pare, ande) o movimento dos veículos tornou-se mais organizado por meio das próprias atitudes dos motoristas. Pronto! Foi o suficiente para zerar a acidentalidade.

Para uma frota semelhante a cidades médias brasileiras (22 mil veículos), Drachten, que tem 50 mil habitantes, vive a grande diferença: sua mortalidade no trânsito é traço nas estatísticas, enquanto as nossas colecionam índices epidêmicos de 27 mortes por 100 mil habitantes/ano.



O espaço compartilhado em rua central da cidade: harmonia e segurança dos deslocamentos dos diversos modais de transporte.



Aspecto viário no centro da cidade de Drachten, Holanda



Jatos de água são acionados a 6 metros de altura quando veículos excedem os 30 km/h



Pavimentação com peças de concreto intertravado substituiu o asfalto nas vias coletoras



Pieter de Hann, coordenador do "Laboratório (Kenniscentrum) Shared Space" de Leeuwarden, Holanda, explicando a implantação do sistema em cidade da Suécia.



Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

Cambuquira

SAÚDE E NATUREZA NO CIRCUITO DAS ÁGUAS

Eduardo Pereira

Minas é um dos melhores lugares do Brasil para se viajar de carro. Por todo o estado, há confortáveis acomodações (mesmo nos locais mais simples), comida típica deliciosa e o charme da boa prosa mineira nas pequenas e pacatas cidadezinhas das Gerais.

Por onde começar? Uma boa dica é seguir pelo Circuito das Águas, nos altos da Serra da Mantiqueira, em um roteiro turístico que passa por 10 municípios famosos por sua impressionante concentração de estâncias hidrominerais na mesma região geográfica.

Entre as principais cidades do Circuito das Águas estão São Lou-

renço, Caxambu e Cambuquira. Além das termas, todas elas oferecem um ótimo clima de montanha, lindas cachoeiras e bons lugares para acampar.

São Lourenço - Cidade-polo do Circuito das Águas. Com cerca de 430 mil metros de extensão, o parque das águas de São Lourenço é o maior da região. Nele são encontradas sete fontes de água mineral, cada uma com propriedades e sabores próprios. O parque também oferece um spa, onde podem ser tomados deliciosos banhos de espuma e sais minerais, saunas e ducha escocesa.

Caxambu - Em Tupi, Caxambu significa "água que borbulha". O parque termal de Caxambu é considerado como o que tem a maior quantidade de fontes de águas carbogasosas em um local concentrado na região. O parque oferece 12 fontes de águas, lago com

pedalinho e um teleférico que leva a um pico com uma vista incrível.

Cambuquira - O parque das águas de Cambuquira contém seis fontes com propriedades diferentes (ferruginosa, alcalina, magnesiânica, sulfurosa, gasosa e com lítio), cada uma delas indicada para curar condições diferentes, como obesidade, doenças reumáticas e até depressão. Todos os dias os moradores da cidade vão ao parque com suas garrafas para levar a água curativa para suas casas.



Eduardo Pereira
Produtor Cultural
@weiss_guru

CIRCUITO DAS ÁGUAS

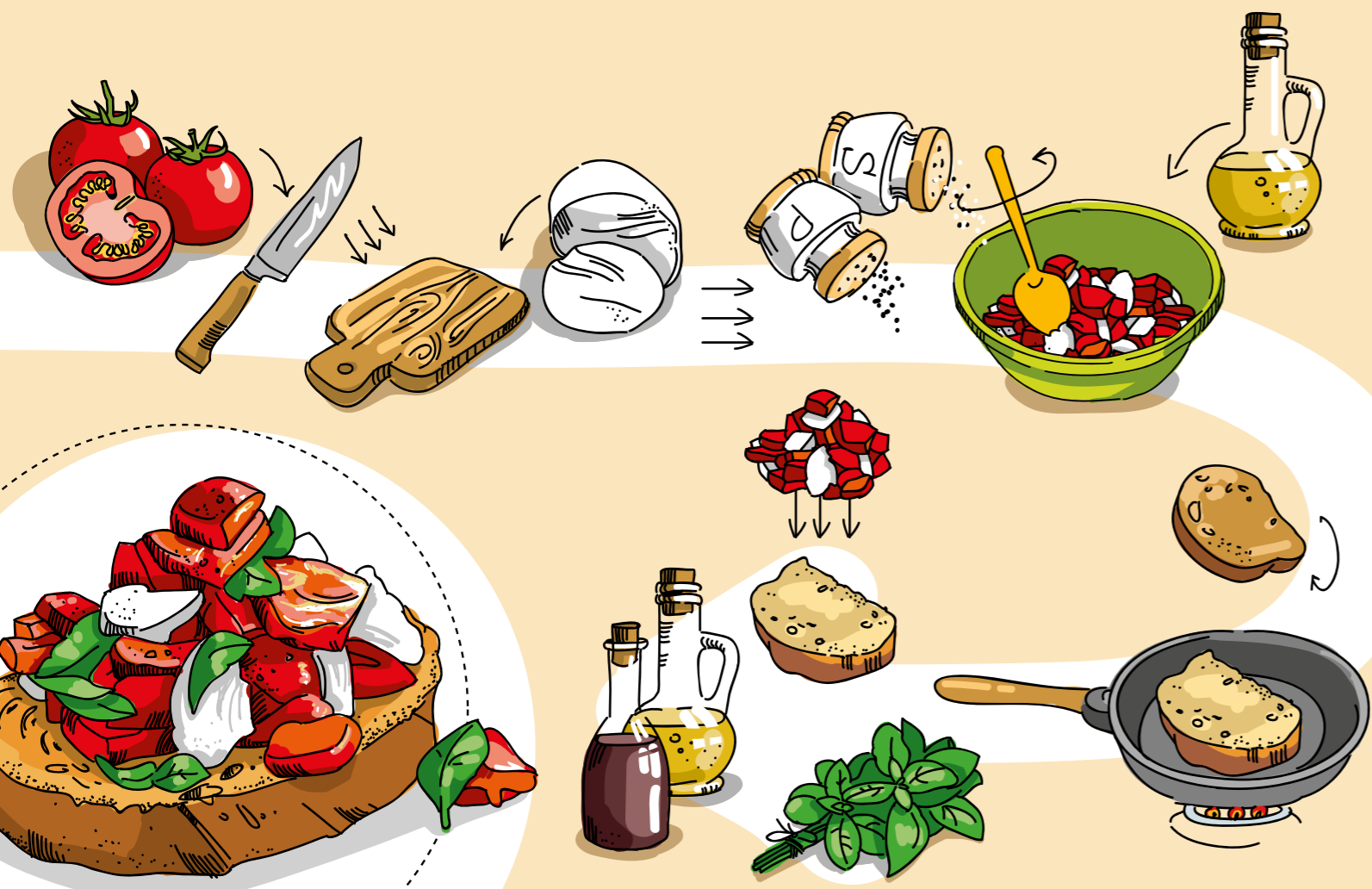
São Lourenço
Caxambu

Poema culinário

Carlos Drummond de Andrade

No croquete de galinha,
 A cebola batidinha
 Com duas folhas de louro
 Vale mais do que um tesouro
 Também dois dentes de alho
 Nunca serão espantalho.
 (Ao contrário)
 E três tomates,
 Em vez de causar dislates,
 Sem peles e sem sementes,
 São ajudas pertinentes
 Ao lado do sal, da salsa,
 (A receita nunca é falsa)

Todos boiam na manteiga
 De natural doce e meiga.
 E para maior deleite,
 copo e meio de leite.
 Ah, me esqueci: três ovos
 Bem graúdos e bem novos
 Junto à farinha de rosca
 (Espante-se logo a mosca)
 a pitada de óleo,
 Sem se manchar o linóleo,
 E mais farinha de trigo...
 Ai, meu Deus, deixa comigo!



BANCÁRIOS VÃO À LUTA POR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO E ATENDIMENTO



SÓ
 A LUTA TE
 GARANTE

CAMPANHA NACIONAL DOS BANCÁRIOS 2016

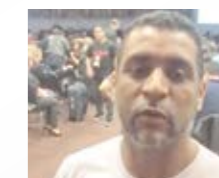


Os bancários estão em campanha salarial. E essa luta tem a ver com você. Isso porque os trabalhadores querem que os bancos ponham fim às demissões e contratem mais, para diminuir as filas e melhorar o atendimento.

Os bancários também querem a redução dos juros e das tarifas, os mais altos cobrados em todo o mundo.

Os bancos podem atender essas reivindicações. A crise não atingiu as instituições financeiras e elas não param de lucrar.

“VAMOS INTENSIFICAR A MOBILIZAÇÃO DOS BANCÁRIOS E DAS BANCÁRIAS PARA QUE TENHAMOS MAIS UMA CAMPANHA VITORIOSA EM 2016”



convocou o presidente do Sindicato dos Bancários, **Eduardo Araújo**.

Faça parte dessa mobilização por mais conquistas para todos!

Os roxos Ipês de Brasília

"Ipê roxo desmente sozinho o mês de agosto"

Norma Shirakura

De maio a setembro, Brasília se borda de ipês. O que flora primeiro e vai-se embora aos poucos, durante o mês de agosto, é o ipê roxo. Flavio Goulart, do www.veredasaude.com, nos apresenta esta descrição do ipê roxo, belo símbolo florístico de Brasília.

"Do ponto de vista botânico, [segundo Harri Lorenzi, profundo conhecedor das árvores brasileiras], ele pode ter o gênero *Tecoma*, ou *Tabebuia*, ou ainda *Handroanthus*, pertencendo ao grupo das Angiospermas, família das Bignoniáceas. Os nomes populares são também variados: ipê roxo, ipê-cavatã, pau d'arco, lapacho, piúva... em alguns lugares ele nem é chamado de roxo, mas de preto.

Parece ter havido uma reclassificação recente do gênero *Tabebuia*, colocando como pertencentes à mesma espécie tanto a *T. impetiginosa* como a *T. avellanae*, mas, pra variar, há discordância entre os botânicos (mas o que importa isso se sua florada dispensa classificações...).

Para complicar, existe ainda uma espécie conhecida como ipê-rosa, ipê-roxo-de-sete-folhas e mesmo ipê-roxo, mas com flores de cor semelhante, só que compostas por cinco a sete porções (folíolos). Este seria o *Handroanthus heptaphyllus* (hepta = sete).

O mestre Lorenzi indica ainda que se trata de árvore alta, com 25 a 30 metros de altura, copa arredondada, tronco ereto, casca marcante e fissurada, crescimento rápido. Mas o que ele tem de realmente marcante são as

floradas, formadas por "inflorescências em panículas congestas, de forma globosa, com as flores geralmente em grupos de três.

Ele é generoso em sua distribuição, ocorrendo do Maranhão até o Rio Grande do Sul, sendo típico da "floresta latifoliada semi-decídua", seja lá o que isso quer dizer... Consta que está presente na floresta amazônica também. Pode ser encontrado ainda, de forma nativa, na Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela, na América do Sul; em El Salvador, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá, na América Central, e no México (América do Norte). É cosmopolita a *tabebuia*!

Em tempo: "Ipê", é palavra de origem tupi, que significa 'árvore cascuda'. É da sua utilização indígena que sobreveio o nome "pau d'arco", pelo seu uso na fabricação deste tipo de arma, o arco e flecha. Tem madeira dura, já se sabe, o que é uma boa coisa para os extrativistas, mas um grande problema para a nossa *tabebuia*. Pisos, madeiramento de telhados, portas e janelas em Ipê são o suprassumo do consumo em termos de madeira – é só ir a uma madeireira e perguntar pelo preço, superior ao das demais espécies de madeiras.

Outras informações registradas: suas flores dão lugar a vagens com sementes leves e abundantes, dispersadas pelo vento; é uma planta de forte apelo ornamental, com floração na estação seca (maio-agosto), perdendo em

tal ocasião todas as suas folhas; as flores vão, na verdade, do rosa ao lilás e duram bem poucos dias; a florada é fonte de alimento para insetos diversos, mormente abelhas polinizadoras e também para aves, entre as quais os colibris, e mesmo macacos.

O Ipê Roxo muito usado em arborização urbana, principalmente no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, mas também na Argentina. Fala-se muito em seu uso medicinal, sendo mesmo incorporada a farmacopeia tradicional indígena. Sabe-se que em sua casca são encontrados e podem ser extraídos os ácidos tânico e lapáchico, além de sais alcalinos e corantes usados para tingir algodão e seda.

No Brasil, sua utilização popular se dá pelos banhos com chás das folhas e com o cozimento (decocto) da entrecasca, com indicações as mais diversas, tais como gripes, bronquite, sinusite, impetigo, úlceras sifilíticas e blenorragias, cervicite e cervico-vaginite, controle da anemia (antianêmica), cistite (diurético), "sangue grosso", calmante, alívio das inflamações de ouvido, dor no corpo (antirreumática), picada de cobra, afta, gastrite, verminoses, diarreias, diabetes e câncer (leucemia, tumores). Parece a verdadeira panaceia universal..."

Para quem mora ou passa por Brasília na secura de agosto, o que importa mesmo, o que encanta a alma é essa explosão das floradas dos ipês prenunciando a primavera.

O GRITO ÊMICO DOS GRUPOS QUE FORMARAM O HOMO-CERRATENSIS

EU SOU O ÍNDIO

Desde que as naus portuguesas chegaram em abril de 1500 ao litoral brasileiro, numa enseada batizada com o nome de Bahia de Todos os Santos, cerca de vinte gerações se passaram.

Nossos ancestrais indígenas já estavam na região central do Brasil há pelo menos quinhentos e cinquenta gerações. No oeste da América do Sul, América Central e América do Norte, já estávamos há muito mais tempo.

Quando chegamos ao Brasil Central, pensávamos ter descoberto o Paraíso, tal a opulência de recursos. O Cerrado nos acolheu com seus rios de águas cristalinas, repletos de peixes, seus variados frutos comestíveis, sua enorme diversidade de animais e seus inúmeros abrigos.

Éramos nômades, caçadores, pescadores e coletores das sobrevivências. Morávamos em abrigos naturais ou em cavernas. Nesses locais também enterrávamos e venerávamos nossos mortos, fazíamos nossas cerimônias e deixávamos arte em forma de mensagens gravadas e pintadas nas paredes.

Mais tarde, domesticamos alguns vegetais nativos e nos transformamos em horticultores. Passamos a viver em áreas abertas ou aldeias, sem nunca deixar de visitar nossas antigas moradas, pois sempre respeitamos e reverenciamos a memória dos nossos antepassados.

O futuro chegou mais rápido do que imaginávamos, e o Brasil que se formou com sua ideologia economicista, passou sobre nós como um rolo compressor. Fomos

estereotipados na forma de vários preconceitos. Até o título de "preguiçoso" nos cunharam, simplesmente porque não aceitávamos o regime da escravidão.

Mesmo sendo amistosos no início, logo percebemos a intenção dos portugueses de nos escravizar e nos tornamos arredios. Fomos marginalizados de várias maneiras, inclusive pela força. Para sobreviver, tivemos que nos refugiar nos rincões mais escondidos e inacessíveis.

Alguns de nós foram aprisionados, aldeados em locais artificiais e, com o tempo, catequizados. Mais tarde, em aldeamentos como o de Mossamedes e Carretão, houve miscigenação entre nós e os africanos, resultando no tipo físico denominado pelos historiadores de cafuzo.

Também com o branco, nossa miscigenação ocorreu de maneira forçada e violenta. Mesmo quando as pequenas vilas já estavam estruturadas nos sertões do Brasil, era comum incursões para capturar mulheres entre os grupos isolados. Daí a expressão "minha vó foi pega a laço".

Da mesma forma, nossos mitos foram coletados pelos religiosos, nos aldeamentos, e disseminados nas casas dos brancos. Levaram um pouco, mas muito pouco, porque boa parte do universo cosmogênico de nossos povos continua conosco.

Mas nossa cultura e identidade com a terra eram tão fortes que, mesmo restando somente rastros, nossa herança deixou marcas profundas na cultura brasileira, e na de outros povos, que incorporaram nossos alimentos, nossas

plantas nativas, nossa dieta animal e vegetal, e nossa riquíssima farmacopeia.

Assim aconteceu com o feijão, domesticado por nós e apreciado desde o Brasil até o Texas. Também domesticamos o abacate, o abacaxi, o tomate, o pimentão, a pimenta, essas plantas tão disseminadas pelo mundo. Imaginamos: Como seria hoje a culinária da Malásia sem a pimenta?

O tabaco, domesticamos para uso em nossos rituais, para amenizar nossas dores e situações de estresse, da mesma forma que nossos irmãos do altiplano Andino usavam a coca para amenizar os efeitos da altitude e para evitar a labirintite causada pela escassez de oxigênio. Infelizmente, a sociedade que se formou deu às nossas plantas outras formas de uso.

Nossos antepassados mexicanos criaram o milho, que hoje movimenta grande parte da economia mundial, cruzando dois tipos de gramíneas nativas. Esse cereal irradiou com tamanha força e sucesso entre todos os nossos ancestrais das Américas que até a pamonha, que muitos afirmam ser comida típica de Goiás, já era conhecida por nós há pelo menos cinco mil anos.

Alguns de nossos alimentos alcançaram mercados mundiais, como o Guaraná, nossa bebida energética e refrescante, nossos cremes das palmeiras Açaí, Patuá, Bacaba, Buriti, aos quais atribuíamos o nome de sem-bereba, bem como o creme de Cupuaçu, as castanhas do Pará, do Caju, do Baru, do Pequi, ou os Amendoins.

Um dos nossos cremes ficou tão famoso que o mundo até esquece que fomos nós que o criamos. Trata-se do creme da amêndoa do cacauero, planta nativa das nossas florestas equatoriais cujo doce hoje em dia é o mais apreciado da Terra, e alguns ainda se atrevem a dizer que o melhor chocolate do mundo é o suíço. Quanta falta de conhecimento!

Domesticamos batatas, inhames e mais de trezentas raças de mandioca; ensinamos a consumi-la cozida ou assada; a processá-la na forma de tapioca, polvilho, puba, beijus; e dela fizemos o primeiro alimento desidratado da história da humanidade: a farinha.

Ensinamos ao mundo a usar o látex da seringueira, planta nativa ecótona da Amazônia e do Cerrado, cuja matéria prima hoje movimenta desde nossos corpos pelos solados de nossos sapatos, até caminhões e aviões pelos seus pneus.

Ensinamos os colonizadores a consumirem muitas de nossas plantas nativas para saciarem a fome e curarem certas doenças. Conosco, aprenderam a consumir a Manga-ba, o Caju, o Pequi; a beber o chá da Douradinha e da Congonha-do-Campo, e a curar a malária usando a entrecasca do Quinino.

Passamos muitos outros segredos vegetais ao colonizador, que os incorporou na farmacopeia universal. Muitos ainda guardamos conosco, não por egoísmo, mas porque a sociedade que se formou à nossa volta nunca se importou em conhecê-los para benefício de toda a humanidade. Alguns espertalhões conseguem esses conhecimentos para uso comercial e empresarial pela biopirataria.

EU SOU O PORTUGUÊS

No século XV, há mais de 500 anos, formávamos uma das mais desenvolvidas nações da Terra. Estávamos bem mais próximos,

culturalmente falando, e possivelmente também geneticamente, das populações árabes do que das populações do interior e norte da Europa.

Nossa Escola de Sagres, criada pelo Infante D. Henrique, que montou sua base sobre os conhecimentos astronômicos, matemáticos e cartográficos desenvolvidos pelos árabes, possibilitou uma revolução no conhecimento da cartografia terrestre e das técnicas de navegação, desde uma fábrica de navios até sistemas de orientação em alto mar. Foi com a vantagem dessa tecnologia de ponta para a época que chegamos ao Brasil, em 22 de abril de 1500.

Ao aportar no litoral brasileiro, encontramos ali os índios de língua Tupi no final de uma diáspora. Alguns indagam, se não tivéssemos interrompido esse processo bruscamente, esses grupos teriam atingido um estágio civilizatório que os conduziria a organizações sociais mais complexas? Infelizmente não temos como responder.

O que podemos afirmar de maneira geral é que o Novo Mundo é um laboratório antropológico único pois os processos de desenvolvimento cultural aborigine aconteceram num quase isolamento, antes que ocorresse o fluxo de nossos soldados, sacerdotes e exploradores após 1492.

Nossos primeiros navios traziam populações masculinas, sobre as quais os longos períodos de solidão despertaram um grande apetite sexual. Ao entrarem em contato com as indígenas, perpetraram vários tipos de violência sexual, provocando assim as primeiras formas de miscigenação no Brasil, dando origem a um tipo físico denominado mameluco.

Ao adentrar pelo interior do Brasil, encontramos a maioria dos grupos indígenas vivendo em aldeias, com seus roçados bem estruturados produzindo mandiocas, milhos, batatas, inhames,

feijões. Chegávamos em destacamentos armados, afugentando os indígenas, principalmente os do sexo masculino, violentando as mulheres e nos alimentando de seus roçados.

Para nos tornarmos dominantes, assim como aconteceu noutras áreas do Continente, o habitante nativo foi tratado de maneira desumana. Alguns impactos, devastadores, levaram vários grupos indígenas e seus saberes à extinção.

Como dominantes, impusemos nossa língua, nossa religião, nossa economia. Difundimos nossa arraigada cultura e divulgamos nossa poesia, nossas cantigas, deixando em todos os cantos os traços da nossa influência.

Através dos religiosos Jesuítas estruturamos o "Nhengatu", uma espécie de língua geral derivada da língua Tupi. E, com base em alguns vocábulos da nova língua, denominamos os principais acidentes geográficos que fomos encontrando em nossa peregrinação.

Conhecedores do ambiente, em vez de nos oferecerem resistência duradoura, os índios refugiaram-se em locais pouco acessíveis. Para evitar perdas nos confrontos, desistimos da escravidão indígena e voltamos nossas vistas para o escravo africano, cujo comércio já era bem estruturado e menos dispendioso.

Entretanto, vários grupos de portugueses continuaram caçando os índios, contribuindo de forma crescente para uma desestruturação social dos grupos indígenas.

Nas entranhas da imensidão dessa terra, por vezes ficamos perdidos e fragilizados, e aí tivemos que usar o conhecimento dos ameríndios que aqui se encontravam e dos negros que trouxemos como escravos. Com eles aprendemos a sobreviver, e dessa mistura formamos essa cultura singular que hoje identifica o povo brasileiro.

Como mais uma contribuição,

aqui introduzimos o gado tau-rino, os equinos, os caprinos, os galináceos, incluindo a galinha-da-angola, e os porcos; trouxe-mos a banana, a manga, a fru-ta-pão, oriundas da Ásia, onde tínhamos colônias e comércios; e as laranjas, limões, limas e figos, cafés e cana-de-acúcar, originá-rios da Península Ibérica, Arábi-ca e África.

Deixamos, também, as lições da dominação que usamos para impedir a formação de uma consci-ência popular. Dificultamos ao máximo a criação de universi-dades e impedíamos a difusão de conhecimentos de cunho hu-manístico, histórico, sociológico e antropológico. Com isso, impe-díamos a formação do saber e da consciência e, não por acaso, fomos os últimos colonizadores a deixarem a Colônia.

EU SOU O NEGRO

Das três raças biológicas que contribuíram para a formação do Brasileiro, eu fui a última a ché-gar. Tenho uma história longa, es-

crita desde as primeiras páginas da humanidade, ainda na mãe África.

Desde o alvorecer do homem, nós os africanos aprendemos a enfrentar diversos tipos de animais de rapina, nossos pre-dadores. Esse fato nos deu um grande aprendizado para a so-brevivência.

Ao Brasil chegamos em condi-ções sub-humanas, como escla-vos dos europeus, principalmente dos portugueses. Fomos trazidos do sul do Saara para trabalhar nos diversos afazeres, desde a mi-neração até edificações, prática comum nos empreendimentos de toda a Europa Ocidental.

Já havia na África grupos lo-cais especializados em capturar homens e mulheres nos diversos grupos étnicos espalhados num imenso espaço geográfico que ia do litoral atlântico até os interiores do continente e em alguns casos até o Indico, na costa leste.

Os caçadores de escravos cap-turavam tanto quantos e qualquer grupo cultural que conseguissem,

usando diversos meios, desde a guerra até a corrupção, compra e subversão de agentes locais, e nos juntavam em portos de embarque na costa leste africana, de onde éramos despachados em navios negreiros.

Os mais importantes portos de embarque eram conhecidos como Porto de Senegal, Porto de Gam-bia, Porto Mina, Porto Vidar, Porto Calabar, Porto de Cabinda, Por-to de Luanda, todos situados no Atlântico. No leste da África, tam-bém existiam os Portos Lourenco Marques, Inhambane e Zanzibar. Era comum nos atribuir o nome do local onde embarcávamos.

Entre nós, tínhamos pouca ou quase nenhuma relação cultu-ral, com raras exceções, (ioruba, malê), e pertencíamos a corren-tes gênicas separadas por longo tempo. Mesmo assim, para evi-tar insurreições, nos separavam e enviavam os grupos com maior proximidade para atividades em locais distantes.

No início os navios negreiros traziam, em sua grande maioria,

nossas populações do sexo mas-culino. Só mais tarde trouxeram também nossas mulheres, que ficavam restritas aos empreen-dimentos no litoral. Por isso, as mulheres de origem africana só começaram a chegar ao interior do Brasil e, conseqüentemente, ao Cerrado, no mínimo 150 anos após o Descobrimento.

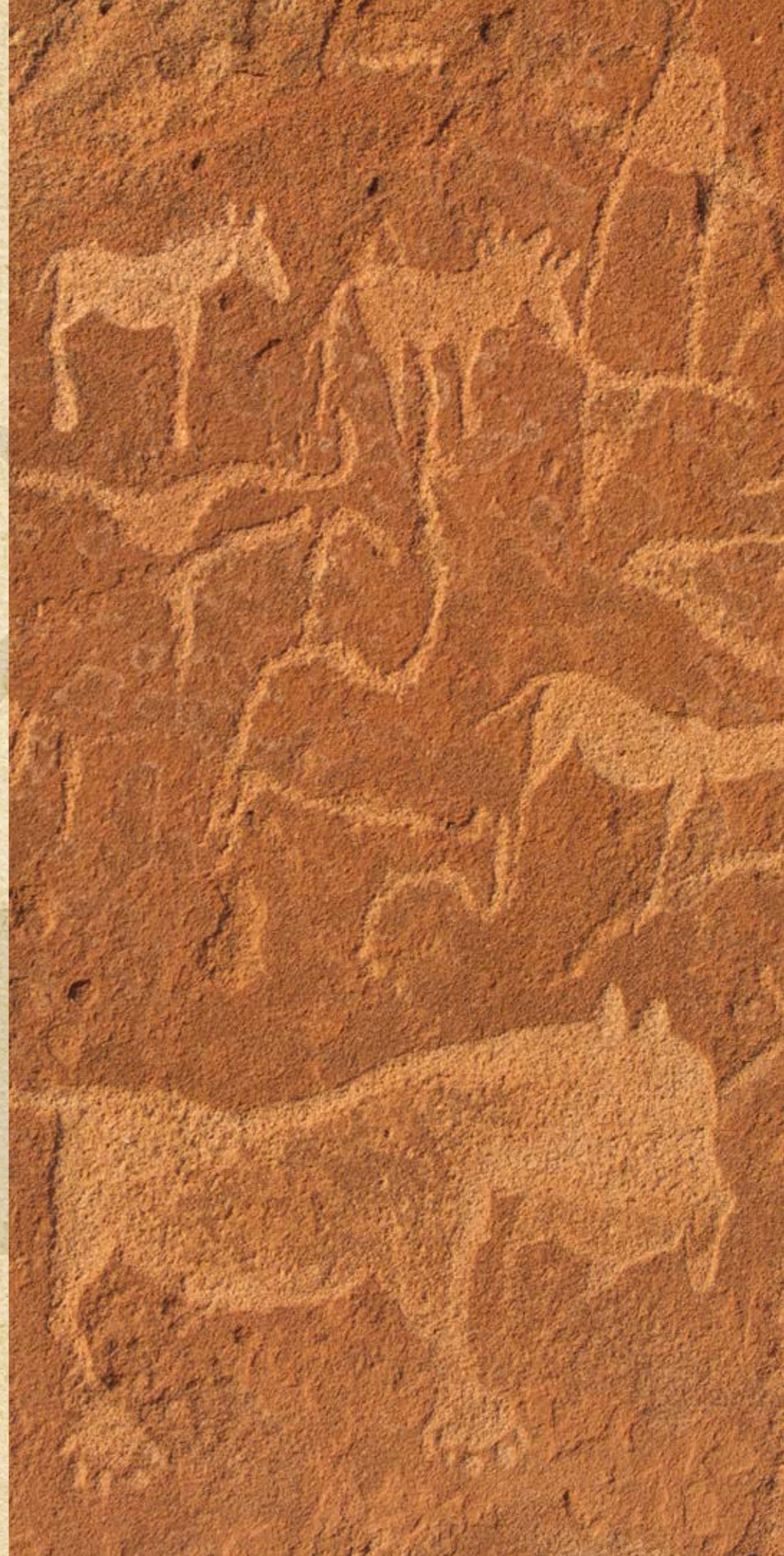
Em cultura material, trouxemos muito pouco, ou quase nada. Mas os modelos de nossas culturas es-tavam impressos em suas men-tes, e aqui foram reproduzidos. Trouxemos conosco estruturas completas ou fragmentadas do modelo tribal vivido na África, e isso nos deu a grande capacidade de adaptação para sobreviver no novo ambiente. O agrupamento forçado de pessoas de origem di-ferentes não nos impediu de cons-truirmos nossa identidade pró-pria.

Nossa história nessa terra é o próprio sinônimo do resgate da dignidade. Nossa cultura é tão forte que, mesmo marginaliza-dos, deixamos diversos rastros na emergente cultura dos brasileiros.

Nossa miscigenação com o eu-ropeu foi inicialmente concretiza-da através do relacionamento de mulheres negras com seus senho-res, cuja situação culminaria no regime de concubinato, em gran-des números. Daí surgiu o tipo mulato que, por seu talento à mu-sicalidade, contribuiu de forma decisiva para a ritimização das músicas portuguesas e para a di-vulgação das músicas que apre-nderam com seus ancestrais.

E como viviam próximos aos seus senhores, ou suas mulheres cuidavam das crianças dos euro-peus, ajudaram a disseminar um universo mitológico extremamen-te rico e cheio de nuances poéticas e românticas.

Também fomos nós os princi-pais responsáveis pelas corrupte-las de algumas palavras portugue-sas, certamente pela dificuldade em aprendê-las na sua totalidade.



E quando tínhamos a oportunidade de aprender a ler e escrever português, ou outro ofício como ferreiro, alfaiate, sapateiro, marceneiro, oficinheiro em geral, nos revelávamos sempre hábeis.

Alguns africanos conhecidos como Malês eram mulçumanos e já chegaram ao Brasil alfabetizados, falando e escrevendo em árabe numa época em que a maior parte da elite, brasileira ou lusitana, seus proprietários, era analfabeta.

Esses grupos arabizados na própria África pela expansão do islamismo, eram hábeis ourives e possuíam habilidades para trabalhos minuciosos. Muitos se transformaram nos contabilistas das fazendas que surgiram após a queda da mineração, ou se destacaram em atividades intelectuais.

O HOMO-CERRATENSIS

Os estudiosos da genética evolutiva afirmam que existe um nível de extrema uniformidade genética na espécie Homo-sapiens-sapiens. As moléculas de proteínas do sangue, ou a sequência dos próprios genes, mostram que há menos diferenças entre dois seres humanos em qualquer parte do mundo do que as encontradas em qualquer primata superior sobrevivente até os dias atuais.

Essa uniformidade é creditada a um gargalo genético porque passou a humanidade por volta de 70 mil anos atrás, causado por um inverno vulcânico de aproximadamente 6 anos, que reduziu drasticamente a população humana no Planeta. Toda a humanidade moderna descende, então, dessa minuta população e por isso é geneticamente uniforme.

Embora a humanidade seja uma só, os diferentes locais onde se originaram as pessoas e o fato de que os grupos humanos ficaram isolados por longos períodos são fatores que, também por aqui, moldaram as características externas na tipologia física do Ho-

mo-cerratensis.

O ambiente modelou também uma gama de variantes culturais, representadas pela língua, religião, pelos sistemas de organização social e de parentesco. O ambiente que os acolheu, associado às diferenças culturais de cada grupo, contribuiu para uma convergência, tanto física como cultural, do Homem do Cerrado.

É comum, portanto, afirmar que três vertentes físicas e culturais contribuíram naturalmente para a formação do Homem do Cerrado: a indígena, a europeia (portugueses) e a africana (escravos). Não é tão simples assim. Essa afirmação deixa de ser verdadeira se forem explicitadas algumas das formas como aconteceu.

Dos portugueses e africanos que vieram para o centro do Brasil, poucos foram os que retornaram. Foi dessa forma que os empreendimentos mineradores cederam lugar às fazendas multifuncionais, que se transformaram em patrimônios, que se tornaram vilas e mais recentemente em cidades.

Acrescente-se a essa gamela o isolamento, que os manteve, durante longo período, em relação aos centros mais desenvolvidos. As novidades que chegavam pelos viajantes, mascates, professores ou vigários que as capelas exigiam, chegavam na forma de fragmentos, e foi com estes fragmentos que o "sertanejo" foi modelando e estruturando sua cultura.

À medida que a sociedade foi-se estruturando e se equipando, surgiram em mais de um local, na cabeça de algumas pessoas, lampejos de genialidade, qual como geração espontânea, traduzidos em peças musicais, peças teatrais, peças literárias, pintores, artesãos, escultores. Toda essa fragmentada colcha de retalhos é uma característica singular da cultura do Homem do Cerrado. Assim se moldou o Homo-cerratensis, com uma grande predominância da cultura dominante, que

no início da colonização foi impiedosamente desumana, cruel para com os índios e escravos africanos.

Dentre todos os seres vivos que habitaram e habitam o Planeta Terra, somente o Homo-sapiens-sapiens desenvolveu a capacidade de reconstruir o passado. Nosso futuro dependerá da habilidade de compreendermos e aproveitarmos aquilo que aconteceu na História.

Nos tempos modernos, também sem levar em consideração a vocação da terra e a vocação cultural do que ainda resta de autêntico na cultura do Homo-cerratensis, uma nova onda globalizada de invasões chegou e está se instalando, gerando forte impacto sobre o meio ambiente e ocasionando a desestruturação da população rural e urbana, num ritmo nunca visto na história da humanidade.

Nosso futuro também dependerá da nossa habilidade e da nossa sabedoria em lidar com essa avalanche de problemas.



Altair Sales Barbosa
Doutor em Antropologia.
Pesquisador do CNPQ

Anote aí!



Agora, também pra você, com o mesmo carinho,

O SITE DA REVISTA XAPURI,
ATUALIZADO DIARIAMENTE.

VEM COM A GENTE!

www.xapuri.info

AO VIVO

**TODAS AS SEXTAS,
ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA, CANAL 12 DA NET.**



AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTE DIAS E HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
13H	23H	13H	18H	22H30	12H	16H30

Assista também no portal bancariosdf.com.br e no [facebook/bancariosdf](https://www.facebook.com/bancariosdf)